

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

**Representações sociais do processo de viver e envelhecer pelo exercício  
de leitura e escrita:**

a participação do sujeito idoso em uma oficina literária

Pia Elena Zancanaro Borowski

Passo Fundo

Julho, 2014

Pia Elena Zancanaro Borowski

Representações sociais do processo de viver e envelhecer pelo exercício de leitura e escrita:  
a participação do sujeito idoso em uma oficina literária

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:

Prof. Dr. Adriano Pasqualotti

Coorientador:

Profa. Dra. Marilene Rodrigues Portela

Passo Fundo

Julho, 2014

CIP – Catalogação na Publicação

---

- B736r      Borowski, Pia Elena Zancanaro  
              Representações sociais do processo de viver e envelhecer  
              pelo exercício de leitura e escrita : a participação do sujeito  
              idoso em uma oficina literária / Pia Elena Zancanaro  
              Borowski. – 2014.  
              [77] f. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) –  
              Universidade de Passo Fundo, 2014.  
              Orientador: Prof. Dr. Adriano Pasqualotti.  
              Coorientador: Profa. Dra. Marilene Rodrigues Portela.
1. Envelhecimento. 2. Leitura - Prática. 3. Escrita. 4.  
              Comunicação. 5. Velhice. I. Pasqualotti, Adriano, orientador.  
              II. Portela, Marilene Rodrigues, coorientador. III. Título.

CDU: 613.98  
      028.6

# ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

**“Representação social do processo de viver e envelhecer pelo exercício de leitura e escrita: a participação do sujeito idoso em uma oficina literária”**

Elaborada por

**PIA ELENA ZANCANARO BOROWSKI**

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
“Mestre em Envelhecimento Humano”

Aprovada em: 30/06/2014.  
Pela Banca Examinadora



**Prof. Dr. Adriano Pasqualotti**  
Orientador e Presidente da Banca Examinadora



**Prof. Dr. Marilene Rodrigues Portella**  
Coorientadora – UPF/ppgEH



**Prof. Dr. Eliane Lucia Colussi**  
Universidade de Passo Fundo – UPF/ppgEH



**Prof. Dr. Agostinho Both**  
Universidade de Passo Fundo – UPF



**Prof. Dr. Helenice de Moura Scortegagna**  
Universidade de Passo Fundo – UPF/ppgEH



**Prof. Dr. Iara Salete Caierão**  
Universidade de Passo Fundo – UPF

## **DEDICATÓRIA**

Para Airton, marido e amor meu, pela generosidade e ternura revestidas de paciência, cumplicidade, entusiasmo, amor e fé.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela dádiva da vida e com ela a oportunidade de:

ser filha de Arduino e Luci; neta de Pia e Alfredo, Elena e João; mãe de Luana, Daniel, Marina e avó do Arthur;

ser aluna de tantos mestres, que marcaram definitivamente minha vida, destacados na figura inigualável do Prof. Agostinho Both;  
ser professora, amar meu ofício e os caminhos por ele proporcionado para chegar até à experiência de atuar junto aos mais velhos.

Minha gratidão aos idosos e, em especial, aos alunos da Oficina Literária do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade, pela preciosidade do que me ensinam;

Aos meus orientadores, professor Adriano Pasqualotti e professora Marilene Rodrigues Portella pela disponibilidade e interlocução;

Aos amigos, pela torcida.

## **EPIGRAFE**

Aquele que envelhece e que segue atentamente esse processo poderá observar como, apesar de as forças falharem e as potencialidades deixarem de ser as que eram, a vida pode, até bastante tarde, ano após ano e até ao fim, ainda ser capaz de aumentar e multiplicar a interminável rede das suas relações e interdependências e como, desde que a memória se mantenha desperta, nada daquilo que é transitório e já se passou se perde.

*Elogio da Velhice*

*Hermann Hesse*

## RESUMO

BOROWSKI, Pia Elena Zancanaro. Representações sociais do processo de viver e envelhecer pelo exercício de leitura e escrita: a participação do sujeito idoso em uma oficina literária. 2014. [77] f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

Os idosos, ao vivenciarem uma experiência, elaboram representações sociais do seu processo de viver e envelhecer, uma vez que se trata de algo intrínseco ao seu grupo de pertença. No presente estudo buscamos conhecer o significado do processo de viver e envelhecer do sujeito idoso por meio de práticas de leitura e escrita, enfocando a sua participação em uma oficina literária. Com tal delimitação visamos investigar quais são as representações sociais nesse processo de atividades discursivas e os sentidos por ele atribuídos ao viver e ao envelhecer. Avaliaremos também os efeitos dessa prática na inserção social dos mais velhos, e o quanto essas imagens da velhice se tornaram mais expressivas nesse contexto. Com amparo na Teoria das Representações Sociais, considerando que o problema investigado focaliza experiências humanas, valores e crenças como parte da realidade social, o trabalho configurou-se como uma pesquisa de estudo de caso, assumindo o caráter observacional, com abordagem qualitativa, e tendo como participantes 15 sujeitos idosos com idade entre 60 e 78 anos, frequentadores da Oficina Literária do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade da Universidade de Passo Fundo, RS. Investigamos o pressuposto de que a participação do sujeito idoso em uma oficina literária, mediadora para a construção de imagens interessantes, pode significar a reinserção social, o resgate da cidadania pela promoção do exercício da oralidade, da leitura e da escrita como ferramentas de relação. Os principais achados mostram que o sujeito idoso se expressa como pessoa humana, compartilha e amplia seu saber acumulado, sua bagagem cultural de relação com o universo em que vive, tendo a possibilidade de transformar a si mesmo, ou seja, de ser agente de transformação. Tais exercícios traduzem o intuito do espaço proposto na oficina que se mostrou promotor da expressão na maturidade, no envelhecimento ou na velhice.

Palavras-chave: 1. Envelhecimento. 2. Comunicação. 3. Imaginário social. 4. Expressividade. 5. Convivência.

## ABSTRACT

BOROWSKI, Pia Elena Zancanaro. Social representations of the living and aging process by exercising the reading and writing skills: the participation of the elderly individual in a literary workshop. 2014. [77] f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

Elderly people, when going through an experience, elaborate social representations of their process of living and aging, since it is something intrinsic to the group they belong. In this study we sought to understand the meaning of living and aging of elderly individuals through practices of reading and writing, focusing on their participation in a literary workshop. With such restriction, we aimed to investigate what are the social representations in this process of discursive activities, and the meanings it assigns for living and aging. We also assessed the effects of this practice on social inclusion of older people, and how these images of aging have become more significant in this context. Based on the Theory of Social Representations, whereas the researched problem focuses on human experiences, values, and beliefs as part of social reality, the work was configured as a case study research, assuming an observational character with a qualitative approach, and taking as participants 15 elderly people, aged between 60 and 78 years, who attend the Literary Workshop of the Regional Centre of Studies and Activities for the Elderly, at the University of Passo Fundo, RS, Brazil. We investigated the assumption that the participation of the elderly individual in a literary workshop, which is a facilitator for the construction of interesting images, may represent social reintegration, recovery of citizenship by promoting the practice of oral communication, reading, and writing, as relationships tools. The main findings show that elderly individuals express as human beings, share and broaden their accumulated knowledge, their cultural baggage of the relation to the universe they live in, having the ability to transform themselves, in other words, the ability to be transformation agents. Such exercises reflect the intent of the space proposed in the workshop, which proved to be the promoter of expression in maturity, aging or old age.

Key words: 1. Aging. 2. Communication. 3. Social imaginary. 4. Expressiveness. 5. Coexistence.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Nós em cluster por similaridade de palavras. ....	43
--	----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

Creati	Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade
EC	Estudo de caso
UPF	Universidade de Passo Fundo
OMS	Organização Mundial da Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>20</b>
2.1	<i>Contextualização do fenômeno do envelhecimento</i>	20
2.2	<i>Teoria das representações sociais</i>	22
2.3	<i>O envelhecimento e suas representações</i>	26
2.4	<i>O idoso e o exercício da leitura e da escrita</i>	30
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>38</b>
3.1	<i>Delineamento geral do estudo</i>	38
3.2	<i>Composição do caso</i>	38
3.3	<i>Procedimentos de coleta de dados</i>	39
3.4	<i>Análise dos dados</i>	39
3.5	<i>Considerações éticas</i>	40
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>41</b>
4.1	<i>Caracterização dos participantes</i>	41
4.2	<i>As representações</i>	43
4.2.1	<i>Processo de viver e envelhecer</i>	43
4.2.2	<i>Atividades de leitura e escrita</i>	48
4.2.3	<i>Espaço mediador para interações sociais</i>	49
4.2.4	<i>Socialização das produções desenvolvidas</i>	51
4.2.5	<i>Continuidade de participação</i>	53
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>59</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>66</b>
Anexo A.	<i>Parecer Comitê de Ética</i>	67
	<b>APÊNDICES</b>	<b>71</b>
Apêndice A.	<i>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</i>	72
Apêndice B.	<i>Questionário semiestruturado</i>	75

## 1 INTRODUÇÃO

O fenômeno do envelhecimento populacional, possibilitado pelo progresso técnico-científico, traz no seu bojo mudanças demográficas, econômicas, sociais e culturais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), o Brasil tornar-se-á o sexto país em número de pessoas acima de 60 anos até 2025 e, segundo Kalache (2006), a expectativa é de que o número de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos no Brasil seja de 32 milhões e, de 1,2 bilhões, no mundo, sendo que três quartos deles estarão em países em desenvolvimento. Esses números evidenciam que o envelhecimento populacional é um fato inevitável. Todavia, tendo em vista o crescimento da longevidade humana, não basta que o número de velhos se eleve em nossa sociedade. Além do aumento cronológico dos anos, é preciso considerar a qualidade e a autonomia que o idoso terá frente a essa sobrevida que lhe está sendo concedida pela ciência a partir dos avanços tecnológicos da medicina. Atreladas a essa constatação, surgem preocupações de toda ordem para lidar com esse fenômeno, seja no âmbito das políticas sociais, educacionais ou de saúde, tornando cada vez mais necessário estudar mecanismos que possam ajudar essa crescente população a ter uma vida digna e de qualidade.

Fala-se muito no envelhecimento, mas, quando se trata de encontrar formas efetivas e concretas de inserção social, de promoção educacional, de visibilidade, de reconhecimento, de sentido vivencial, de outorgas sociais, de identidade e de outros caminhos e virtudes necessárias para o desenvolvimento em todas as etapas do envelhecimento, continua-se devendo muito ao compromisso com a dignidade dessa realidade humana e social. Uma vez constatado o lugar de relevância e projeção social que os idosos assumem em nossa sociedade, para que seja possível sair dessa inércia, a sociedade deve e precisa envolver-se com a criação de propostas e intervenções que venham trazer para o processo de envelhecimento humano, mais autonomia e criatividade. Demandam-se, assim, novos costumes diante da realidade de um sujeito

---

idoso que pode ser alguém ativo dentro da sociedade, muito embora suas formas de atuação continuem a ser limitadas por estereótipos ainda associados ao envelhecer, pois o aumento do número de velhos não significa, necessariamente, o abandono desses estereótipos, nem de representações arraigadas acerca da velhice.

Nesse cenário, observa-se, em contrapartida, idosos ingressando em projetos que trazem na sua pauta ações não só de ocupação do tempo livre, mas também, e em especial, práticas desenvolvidas em grupos, a exemplo do que é levado a efeito por meio de oficinas, as quais se apresentam como um lugar de encontros para compartilhar, para refletir sobre assuntos importantes da vida, para vivenciar o lazer e para expressar-se; um espaço que permite a quem o frequenta ser o protagonista da sua própria história. A imagem de uma pessoa envelhecida passou por estágios de reconstrução ao longo dos tempos, evoluindo à medida que a própria sociedade foi ganhando consciência da necessidade de investimentos em políticas e programas de assistência ao idoso. Assim, avanços nas condições de vida são observados pela desconstrução da imagem de incapacidade que era atribuída frequentemente aos idosos.

Os idosos, ao vivenciarem uma experiência, elaboram representações sociais do seu processo de viver e envelhecer, uma vez que se trata de algo intrínseco ao seu grupo de pertença. As representações sociais são um conhecimento produzido socialmente, sendo parte de vozes diversificadas que falam à sociedade, falam com e para ela, com o objetivo prático de entender o mundo para poder se mover nele. Elas são o dispositivo por meio do qual essa novidade, que é o envelhecer, é elaborada pelos grupos sociais. Os estudos de representações sociais permitem aproximar-se da forma como ele é entendido e vivido, pois o envelhecimento provoca inovações, modificando nosso estoque de noções, conceitos, representações. Nessa perspectiva, nossa proposta de estudo apresentou o seguinte questionamento: Qual a representação social do sujeito idoso acerca do processo de viver e envelhecer mediado pela prática de leitura e escrita em uma oficina literária?

---

Considerando que o problema investigado focaliza experiências humanas, valores e crenças como parte da realidade social, com o amparo na teoria das representações sociais, neste estudo buscamos conhecer a representação social do sujeito idoso acerca do processo de viver e envelhecer enquanto participante de práticas de leitura e escrita em uma oficina literária. Além disso, investigamos as relações estabelecidas entre as representações sociais do sujeito idoso nesse processo de atividades discursivas e os sentidos por ele atribuídos ao viver e ao envelhecer, tendo como participantes da pesquisa, 15 idosos com idades entre 60 e 78 anos, frequentadores da Oficina Literária do Creati/UPF.

A proposta desse estudo, diz respeito à minha trajetória profissional em torno de dezenove anos voltados ao trabalho com grupos de idosos do município de Passo Fundo, RS e, mais especificadamente, neste cenário, à minha atuação como professora na Oficina Literária do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade da Universidade de Passo Fundo (Creati/UPF) há mais de dez anos. O Creati está vinculado à Reitoria de Extensão e Assuntos comunitários, configurando-se como um centro de referência em acolhimento de estudos e atividades para pesquisas, serviços e preparação de recursos humanos para atendimento das questões regionais sobre o desenvolvimento tardio há mais de vinte anos. É conhecido e reconhecido como um espaço que promove ações para a terceira idade e proporciona a ampliação da estreita inserção social dos mais velhos.

Nesse percurso foram produzidos efeitos muito importantes, tais como o aperfeiçoamento da linguagem escrita e oral dos mais velhos, o diálogo face à realidade no envelhecimento e um aprendizado educacional para o empoderamento da velhice, ensejando a possibilidade de se avaliar a prática pedagógica da Oficina Literária exercida por mim, quase que intuitivamente. Uma prática pedagógica pautada na sensibilidade, na inspiração e na valorização da vida, com o objetivo de oportunizar àqueles que envelhecem, por meio do exercício da oralidade, da leitura e da escrita, o restabelecimento da comunicação e o resgate de suas histórias de vida.

---

A Oficina Literária ocorre durante todo o ano letivo e já possui uma trajetória de mais de vinte anos. Os encontros são semanais e têm a duração de duas horas, aproximadamente. O tempo de frequência dos participantes é variado, sendo importante registrar que esse espaço conta, ainda com alguns de seus fundadores e que nenhum integrante tem menos de três anos de participação. A oficina está alicerçada nos quatro pilares norteadores do programa – convivência, aprendizagem, serviço e cuidado- e é constituída por meio de uma educação permanente não formal. Pautada em uma perspectiva teórico-metodológica que busca o desenvolvimento de práticas com a linguagem, capazes de destacar o protagonismo do sujeito que envelhece, tais práticas procuram, incessantemente, vincular a linguagem com a vida, o diálogo face à realidade no envelhecimento e um aprendizado educacional para o empoderamento na velhice. O que pretendemos apontar nesta pesquisa é o papel que a Oficina Literária representa na consolidação de metas e proposição de pronunciamento, reconhecimento, visibilidade e comunicação no processo de desenvolvimento dos idosos através do exercício de leitura e de escrita.

A Oficina Literária é uma proposta de inserção social, que traz em seu bojo, possibilidades de significados e, particularmente, de vivências atuais ou de lembranças. Os textos escolhidos, na maioria das vezes, dizem respeito à temática da maturidade, abordando aspectos pertinentes ao viver e envelhecer e suas implicações no cotidiano das pessoas, das famílias, da cultura, da sociedade, enfim... São poemas, crônicas, ensaios breves, que tratam da vida lá fora (violência, pobreza, desigualdade), da vida aqui dentro (afetos, relações, família, infância e velhice), na modernidade. São temáticas universais, que se aproximam da realidade do aluno-leitor-idoso, onde acontece uma grande identificação. Através de um texto inicial provocador e dentro do contexto de grupo são promovidas associações de ideias que levam à interação dos participantes do grupo. Convém dizer que a qualidade literária do texto também conta, pois a obtenção de uma linguagem mais apurada leva também ao esclarecimento do pensamento e dos sentimentos, perfazendo-se um conhecimento melhor de si, dos outros, bem como a qualificação do pronunciamento de mundo nas situações de convivência familiar e em

---

outros espaços sociais, que dão conta de experienciar oportunidades variadas, tais como: depoimentos de vida em escolas, bibliotecas, produções publicadas em livros (coletivos e/ou individuais), a participação em concursos literários e a contribuição na imprensa escrita/ falada local, somados ao jornal “Novidade” e à participação efetiva nos eventos culturais locais (como Jornada Nacional de Literatura, Feira do Livro, Poemas nos ônibus e atividades vinculadas à Academia Passo-fundense de Letras). Destacamos as realizações periódicas dos saraus literários<sup>1</sup>, evento propício para a confraternização e socialização de seus feitos a familiares, amigos e comunidade em geral.

Um espaço em que tais práticas discursivas são vivenciadas com o objetivo de possibilitar ao idoso desfrutar dos anos a mais de vida proporcionados pela ciência médica, mas com algum sentido, e não apenas com acúmulo de anos vividos. Assim, o interesse pelo tema surgiu do desejo de teorizar essa prática pedagógica exercida por mim há mais de dez anos. A proposição de um estudo dessa natureza, portanto, centrou-se na necessidade de elucidar como pessoas idosas ou próximas dessa faixa etária compreendem o processo de viver e envelhecer enquanto participantes de um projeto oficinairo de linguagem que proporciona o exercício permanente de expressividade e dialogicidade, atividades relacionadas à leitura e a escrita, nesse contexto.

As representações são ancoradas em elementos que traduzem a sua percepção do processo de viver e envelhecer concomitante às atividades que envolvem essa

---

<sup>1</sup> Sarau literário é um evento cultural onde as pessoas se encontram para se expressarem artisticamente. Destaca-se pelo caráter festivo, de reunir pessoas: amigos, familiares e convidados em geral, à tarde ou no início da noite, em torno das artes, apresentando concertos musicais, serestas, cantos e apresentações solo, demonstrações, interpretações ou performances artísticas e literárias, que pode envolver leitura de trechos de livros e também, outras formas de arte como pintura e teatro.

---

participação efetiva. Massi (2008) esclarece que a linguagem promove a reorganização contínua da história de cada sujeito, tornando-os autores da vida singular, que está em constituição permanente. Nessa perspectiva, a análise de representações sociais sobre esses aspectos é de grande utilidade para a produção do conhecimento no campo da gerontologia, bem como para profissionais que atuam em diferentes programas gerontológicos; para as instituições que apresentam propostas de práticas sociais de inclusão dos idosos, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, vinculando narrativas ficcionais e o processo de viver e envelhecer através da expressão individual e coletiva como ferramenta de inclusão e de valorização do sujeito idoso, possibilitando assim a identificação de modos compartilhados de pensar e de (agir) atuar dos idosos em relação a esse processo. O olhar crítico e aprofundado aproxima a experiência da teoria das representações sociais para conceder credibilidade e maior visibilidade à proposta.

Para tanto, o trabalho se configura como uma pesquisa de estudo de caso, assumindo o caráter observacional, com abordagem qualitativa. Justifica-se a escolha da abordagem qualitativa porque se pretendeu analisar fenômenos socioculturais com base nos sentidos construídos pelos sujeitos idosos, frequentadores da oficina, com a intenção de investigar o quanto essa oficina é capaz de produzir uma imagem social diferente do idoso, os efeitos dessa prática na inserção social dos mais velhos, o quanto essa oficina é um meio inovador, para os idosos elucidarem suas idéias, como forma de atender às demandas da sociedade envelhescente.

Para dar conta de conhecer as representações sociais do sujeito idoso, participante de uma prática social, sobre o processo de viver e envelhecer, organizamos a revisão da literatura deste trabalho em cinco tópicos. O primeiro situa o leitor no cenário do envelhecimento em nossa sociedade, apresentando uma breve revisão de pesquisas sobre o tema envelhecimento e as iniciativas que a sociedade brasileira vem tomando no sentido de criar propostas e intervenções que atendam as demandas da população que envelhece. O segundo tópico está assentado nos pressupostos teóricos das Representações Sociais que orientam e dão o suporte para os estudos, análise e

reflexões, sobre as informações coletadas em nossa pesquisa. Trata-se de uma abordagem psicossocial do conhecimento que busca uma compreensão do homem na sua totalidade, ou seja, enquanto um ser que pensa, age e sente por meio de uma relação dialética com o meio circundante. No terceiro, relatamos o envelhecimento e suas representações. Aspectos subjetivos sobre velhice encontram-se no imaginário social e delineiam as representações de idosos sobre envelhecimento, mobilizando sentimentos e concepções que se entrelaçam com aspectos biológicos, sociais, éticos, morais, culturais, políticos e econômicos, capazes de transformar concepções fortemente arraigadas que são acionados sempre que os idosos falam de envelhecimento. No quarto tópico, com o aporte em diversos autores, fundamentamos o papel da leitura e da escrita na constituição do sujeito idoso. Nesse sentido, o fato de estar se dirigindo um olhar mais positivo ao idoso e ao envelhecimento, em detrimento dos estereótipos negativos, somado ao surgimento de novas demandas de práticas de ensino a esse público, mostra que, independentemente das restrições que a própria sociedade lhes impõe, os mais velhos possuem condições plenas tanto para desenvolver o crescimento intelectual e a aprendizagem, quanto para exercitar atividades que propiciem esse aperfeiçoamento, tais como a leitura e a escrita.

Quanto à metodologia, resultados, discussão e considerações finais, configuramos esses capítulos, relatando os sentidos que os idosos atribuíram ao processo de viver e envelhecer enquanto participantes de uma oficina literária, mediadora de expressividade e dialogicidade através do exercício de leitura e escrita. Explicitamos a metodologia utilizada para colher as narrativas, a análise e interpretação que fizemos delas com a intenção de apresentar a confirmação ou não de nossa hipótese inicial: práticas significativas da linguagem, pelo exercício de leitura e escrita, viabilizam um envelhecimento com qualidade, promovem a inclusão social, possibilitam a vivência da cidadania e oportunizam um envelhecimento dotado de sentido. Como facilitadoras do envelhecimento saudável, essas duas atividades representam benefícios não apenas do ponto de vista intelectual como também do psicológico, na busca do conhecimento como um todo.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Contextualização do fenômeno do envelhecimento

Alguma coisa no meu corpo está mudando/E me diz/Que é tempo de ir  
me apascentando/Tempo, não de morte, de reencontro/Com a outra  
margem de mim/De reatar os extremos da corda e/Ultrapassar o nó.

*Mudanças e retornos*  
*Affonso Romano de Sant'anna*

O envelhecimento populacional possibilitado pelo progresso técnico-científico da sociedade industrial contemporânea, que se reflete em todos os aspectos da vida cotidiana e em suas conseqüentes transformações, apresenta-se como um dos maiores desafios da atualidade. Existem hoje mais de 580 milhões de pessoas no mundo com mais de 65 anos, estimando-se que, em meados deste século, haja uma proporção de 25% acima de 65 anos nos diversos países (IBGE, 2011). Caracterizado como um proeminente fenômeno mundial, tanto nos países desenvolvidos como, de modo crescente, nos países em desenvolvimento, traz no seu bojo mudanças demográficas, econômicas, sociais e culturais. Nesse cenário, o Brasil das últimas décadas vem apresentando significativa mudança no percentual da sua população idosa. De acordo com dados do IBGE (2010) o número de idosos acima de 65 anos correspondia, em 1991, a 4,8% da população e passou para 7,4%, em 2010. “Isso significa que há menos crianças e adolescentes no país do que há 10 anos e que a população de idosos aumentou”, afirma Fernando Albuquerque, gerente da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE.

As conseqüências desse crescimento proporcional da população idosa são complexas e desafiadoras para as sociedades, principalmente para as que não estão preparadas para lidar com essa nova realidade. A exemplo do que já aconteceu em

países desenvolvidos, que hoje vivenciam a estagnação do crescimento de sua população idosa, o Brasil acompanha o crescimento expressivo desse recorte etário, em ritmo acelerado, que fez a sociedade civil, juntamente com órgãos de apoio, pressionar entidades e segmentos políticos do país a buscarem mudanças para melhorias na condição de vida dos idosos. Assim, principalmente na década de 80, tem-se observado o surgimento de diversas políticas voltadas para essa população. Já na Constituição Federal, em 1988, algumas questões importantes foram pontuadas, como seguridade social, direito à saúde e à educação; e a família como principal responsável pelo seu cuidado e proteção (CAMARANO; PASINATO, 2005). No entanto, somente a partir da implantação da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), lei 8.842, de 7 de dezembro de 1993, e, posteriormente, da Política Nacional do Idoso (PNI), regulamentada em 3 de julho de 1996, por meio do decreto 1.948, iniciou-se, de fato, um movimento mais efetivo no sentido de assegurar a essa população alguns direitos. Na trajetória para a consolidação desse movimento, foi sancionada a lei 10.741, em 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), o qual assegura e subsidia as garantias das pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. É preciso assinalar, então, que todos os idosos gozam de direitos fundamentais inerentes à pessoa humana para a preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social.

Embora se reconheça a gravidade cada vez maior da questão da velhice, essa parcela da população que, por um lado, cresce dia a dia e, por outro, se desliga da produção econômica e da gestão dos assuntos comunitários e sociais, as ações em favor dos mais velhos ainda são relegadas a um segundo plano. No âmbito da saúde, o cuidado ao idoso consiste em uma preocupação crescente dos órgãos responsáveis, tanto que em 2006 foi lançada a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Entre suas diretrizes estão promoção do envelhecimento ativo e saudável, atenção integral e de qualidade e estímulo à participação e ao fortalecimento do controle social. Entretanto, as práticas dessas diretrizes dependem da sua implementação em níveis estadual e municipal (BRASIL, 2006).

---

Em todos os âmbitos, essa população emergente, que alcança expectativas nunca antes imaginadas, desafia os poderes instituídos nas demandas por novos conhecimentos, reorientando a economia, apontando para uma revisão dos significados e das decisões éticas, científicas, políticas e sociais. Isso se justifica porque o prolongamento da vida somente adquire seu devido valor se tiver oportunidades de exercitar ocupações significativas e desafiantes que possam contribuir no restabelecimento e reconhecimento através da participação social, assegurando condições de promoção e dignidade para a velhice.

## 2.2 *Teoria das representações sociais*

Teorias são redes; somente aqueles que as lançam pescarão alguma coisa.

*Novalís*

A teoria das representações sociais (TRS) trata-se de uma abordagem psicossocial do conhecimento que busca uma compreensão do homem na sua totalidade, ou seja, enquanto um ser que pensa, age e sente por meio de uma relação dialética com o meio circundante. A teoria da representação social originou-se na Europa, a partir de uma pesquisa sobre representação social da psicanálise desenvolvida na França por Moscovici (2003). Nesse estudo, o autor parte do princípio de que o conhecimento é produto e processo de construção do homem e, como tal, se transforma através do tempo. Além disso, da mesma forma que existem resistências para a aceitação de novos conhecimentos nos círculos fechados de especialistas, há resistências para a sua aceitação em domínio público mais amplo. A diferença é que, enquanto no contexto de sua produção a resistência ao “novo” se dá em razão de pressupostos teóricos e metodológicos (e também em razão deles ela é superada), em territórios públicos essa mesma resistência se deve a critérios culturais, diferenciando-se, portanto, de um grupo para outro. Isso leva a que o conhecimento assuma formas e significados multifacetados, dependendo do modo pelo qual ocorre o processo de difusão,

propaganda e propagação entre os diferentes segmentos culturais que compõem a sociedade. Esse conhecimento (re) criado de acordo com sistemas próprios de valor, Moscovici (2003, p. 181) denominou por: “[...] por representações sociais queremos indicar um conjunto de conceitos, explicações e afirmações interindividuais. São equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; poder-se-ia dizer que são a versão contemporânea do senso comum”.

Nessa perspectiva, Jodelet (2001, p. 22) inscreve uma definição amplamente aceita na comunidade científica, de acordo com a qual a representação social: “é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum”. Ampliando o conceito, Wagner (1998, p. 4) afirma, dentro de um contexto coletivo, que a “[...] representação social é vista como um processo público de criação, elaboração, difusão e mudança do conhecimento compartilhado no discurso cotidiano dos grupos sociais”. E segue afirmando que esse aspecto é “[...] o denominador comum de diferentes tipos de representação social por serem socialmente elaboradas e coletivamente compartilhadas” (WAGNER, 1998, p. 9).

Dessa forma, uma representação social é sempre a representação de alguém sobre alguma coisa. Em outras palavras, não existe uma representação sem um objeto (MOSCOVICI, 2003; VALA, 1996; JODELET, 2001). Igualmente, necessita-se de uma atividade criadora, pois “são fatores produtores de realidade, com repercussões na forma como interpretamos o que nos acontece e acontece à nossa volta, bem como sobre as respostas que encontramos para validar o que julgamos ter acontecido” (VALA, 1996, p. 356).

---

Bem compreendido o conceito, Moscovici (apud SÁ, 2002, p. 49) explica o seu interesse e situa a importância de estudar as representações sociais nas sociedades modernas:

As representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as transformasse em tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e à flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, ideologias – e às mudanças pelas quais eles devem passar a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.

Assim, pode-se entender a representação social como conhecimento elaborado e produzido pelo senso comum, para explicar a sua realidade e a si mesmo. Nas palavras de Moscovici (2003), trata-se do universo consensual, onde a sociedade se reconhece como uma criação visível, contínua, imbuída de significados e objetivos, sendo parte e parcela das nossas vidas. Esse universo dá forma à consciência coletiva, explica coisas e eventos de maneira que sejam acessíveis a todos os seres humanos e os seus interesses imediatos. É diferente do universo reificado que compreende a autoridade científica, capaz de impor a forma de pensar e experimentar, prescrevendo em cada caso o que é e o que não é verdade, ou seja, construindo mapa de forças, objeto e eventos que permanecem imunes ao desejo e à consciência dos seres humanos. Com isso, é pertinente afirmar que os universos consensuais são aqueles onde o indivíduo busca se sentir em casa, protegido de discordâncias e incompatibilidades, pois cada representação tende a tornar uma coisa desconhecida, ou não familiar, em algo geral, familiar.

A TRS tem sido discutida nos últimos anos, e este movimento vem utilizando um grande espaço na psicologia social. Teóricos e acadêmicos têm revisitado suas obras e enfoques, lançando novas formas de olhar os fenômenos, entendê-los, interpretá-los, com a finalidade de apreender as teorias do senso comum, que sustentam o

---

---

comportamento das pessoas frente a um objeto. As representações sociais evidenciam que, invariavelmente, alguma coisa nova é adicionada àquilo que já existe, ou o que já está presente se modifica (MOSCOVICI, 2003). A maleabilidade e a possibilidade de mudança existentes na representação compõem uma das diferenças e das transformações conceituais que Moscovici apresenta, passando a estrutura e a dinâmica da representação a ser o ponto importante de seu estudo. Em razão disso, o autor declara que indivíduos e grupos são qualquer coisa, menos receptores passivos, pois pensam de forma autônoma, constantemente produzindo e comunicando representações, visto que são integrantes de uma sociedade pensante.

As representações sociais, definidas por Minayo (1994, p. 108) como “imagens construídas sobre o real”, são elaboradas na relação dos indivíduos em seu grupo social, na ação no espaço coletivo comum a todos, sendo, portanto, diferente da ação individual. O espaço público é o lugar onde o grupo social pode desenvolver e sustentar saberes sobre si próprios, saberes consensuais, isto é, representações sociais. As representações sociais têm um caráter dinâmico e relacional à trajetória do grupo que as elaborou. Elas são fruto de um processo sempre atuante, desencadeado pelas ações coletivas dos indivíduos, mas implicam um reflexo nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo, no encontro com outros indivíduos ou outros grupos sociais. Como resultante, tem-se que a ação dos indivíduos é caracterizada pelas representações sociais que seu grupo constituiu.

Os grupos sociais possuem regras, ideias e elaboram informações próprias ao longo da sua história e sob o reflexo das diferentes relações que estabelecem. Nesse processo, sua identidade se constrói, dando-lhe especificidade. Entretanto, quando os elementos da identidade coletiva são questionados ou subestimados, um novo processo tem início: o surgimento das representações sociais. Elas são, conforme Moscovi (2003), uma resposta do grupo às intervenções externas que põem em perigo sua identidade coletiva, ou seja, o modo como o grupo se vê e quer ser visto pelos outros. Nessa linha, o teórico afirma que os indivíduos, reunidos em grupos sociais, vão

---

elaborar um conjunto de informações consensuais sobre a realidade com a qual se relacionam. O autor entende que o indivíduo tem um papel atuante e particular na construção das representações sociais, constatando, finalmente, que: “[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação” (MOSCOVICI, 2003, p. 28).

### 2.3 *O envelhecimento e suas representações*

Por uma certa parte de nós mesmos, vivemos todos além do tempo.  
Talvez só tomemos consciência de nossa idade em certos momentos  
excepcionais, sendo na maior parte do tempo uns sem-idade.

*Kundera*

O prolongamento do tempo de vida das pessoas tem suscitado inúmeros questionamentos acerca de como estará sendo compreendido o envelhecimento humano pelas sociedades atuais. Portanto, estudos de percepção da velhice e do envelhecimento são de extrema relevância, na medida em que permitem identificar, discutir, compreender e analisar os conteúdos das representações sociais que diferentes grupos de pessoas têm no que diz respeito ao processo de envelhecimento e à própria velhice, possibilitando a identificação de modos compartilhados de pensar e de atuar em relação a esse processo, ao caracterizar os conhecimentos e as crenças dos grupos sociais sobre a questão.

É em vista disso que se recorre à teoria das representações sociais, acreditando-se que esta possibilita a compreensão dessa forma específica de conhecimento do mundo, na qual os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre determinado fato ou tema, durante as conversações interpessoais que estabelecem no cotidiano. As representações sociais enraízam-se na

---

história e na cultura, definindo não apenas os diferentes objetos, como também os próprios sujeitos que, em suas relações, vão dando forma e sentido aos primeiros (MOSCOVICI, 2003).

O reconhecimento de que o envelhecer é uma realidade natural e universal conduz à constatação de que o ordenamento classificatório desse processo em categorias específicas depende de fatores históricos, econômicos, sociais, de políticas e ideologias, assim como dos aspectos simbólicos e culturais, com seus valores, crenças, tradições. Logo, esses fatores proporcionam uma variabilidade nas formas de conceber e criar modelos de vida para o envelhecimento (CARVALHO NETO, 2000; LOPES, 2003).

A idade que marca o início da fase da velhice é sessenta e 65 anos, respectivamente, para países em desenvolvimento e desenvolvidos. Fericgla (1992) observou que, em nossa sociedade, o conceito de velhice tem relação direta com a idade cronológica de cada indivíduo. De acordo com esse autor, o conceito está intrinsecamente determinado pelo processo de produção, pelo consumo de determinadas tendências e, também, pelos ritmos de vida impostos pela industrialização. Moreira (1996), por sua vez, afirma que a idade cronológica deixa suas marcas, mas a sociedade exerce, igualmente, pressão sobre as pessoas e, mais do que isso, cada meio social tem sua própria definição de envelhecimento e de velhice. Nessa perspectiva, torna-se interessante recorrer à elucidativa pesquisa de revisão de dezenove obras, a partir da década de 1970, desenvolvida por Siqueira, Botelho e Coelho (2002), que traçaram seu estudo evidenciando quatro aspectos a partir dos quais a velhice é estudada, e muitas vezes, percebida socialmente.

O primeiro aspecto foi denominado “biológico-comportamentalista”, verificando-se que, nos estudos realizados sob esse enfoque, a ênfase está na decrepitude física, abrangendo, também, as mudanças no perfil da população e o modo como as políticas públicas deveriam reagir, configurando-se o envelhecimento como um problema do Estado. O segundo aspecto apresentado pelas autoras é o “economicista”,

ponto de vista adotado pelos cientistas sociais, tendo como finalidade situar o idoso na estrutura social produtiva. Para tanto, análises da ruptura com o mundo produtivo – a aposentadoria – são realizadas. Nesse ponto, portanto, velhice é igual à aposentadoria. Constata-se, nessas duas primeiras perspectivas, um caráter de convergência: o envelhecimento traz sobrecarga aos cofres públicos em razão da saúde do idoso e, consecutivamente, do ônus à previdência social. O terceiro aspecto, designado “sociocultural”, enfatiza a velhice como construção histórico-cultural-social. Nessa linha de pensamento, a sociedade atribui funções preferenciais a cada idade na divisão social do trabalho e na família. Por último, o quarto aspecto, “transdisciplinar”, considera a velhice como fenômeno natural e social que apresenta dificuldades biológicas, econômicas e socioculturais, sendo o envelhecimento humano um processo singular de cada indivíduo.

Neri e Yassuda (2004) realizou uma pesquisa, investigando atitudes e crenças sobre a velhice em textos do jornal Folha de São Paulo, publicados entre 1995 e 2002. Por meio da análise de conteúdo, ela identificou que o jornal trata o assunto velhice de duas formas. A primeira a pensa como uma questão médico-social, que merece tratamento científico e político adequado com sua importância para o bem-estar da sociedade e dos idosos. A segunda a considera como questão existencial e cultural, merecendo, portanto, tratamento literário, artístico e social compatível com a necessidade de as pessoas e os grupos lhe atribuírem significado social e individual. Em ambas as formas apresentadas pelo jornal, a autora percebeu que a boa velhice é relacionada com boa saúde, autocuidado, estilo de vida saudável, produtividade, satisfação, otimismo e jovialidade, sendo a longevidade boa àquela que não põe em risco o bem-estar do idoso, dos familiares, nem desestabiliza as finanças da sociedade.

Poder chegar a uma idade avançada já não é mais privilégio de poucos. Apesar disso, muitas sociedades não são consequentes com essas mudanças demográficas, no seguinte sentido: atribuem valores relacionados com a competitividade para seus grupos, valorizam a capacidade para o trabalho, para a independência e para a

autonomia funcional, apenas para exemplificar algumas atitudes. Na realidade, porém, muitas dessas crenças e valores nem sempre podem ser acompanhados pelos idosos, que, nessa fase do ciclo vital, percebem-se como numa situação de declínio vinculada às perdas físicas e sociais e, por vezes, relacionadas ao binômio “saúde/doença”, sem levar em consideração algumas mudanças e perdas que frequentemente se associam à velhice. Parte dessas crenças é construída na forma de representações, nas conversações diárias dos grupos.

Há, em contraponto, estudos que descrevem a velhice não apenas como uma fase de experiências negativas, apontando a longevidade, a experiência adquirida, à vivência com saúde e a autonomia como fatores importantes na percepção desse processo (SILVA; GÜNTHER, 2000; SILVA et al., 2006). Outras abordagens da velhice integram questões relacionadas à saúde e à doença e suas repercussões. O estudo de Xavier et al. (2003), realizado em Veranópolis/RS com octogenários, destaca que a saúde é uma questão determinante na qualidade de vida negativa, mas insuficiente para garantir a qualidade de vida positiva, que tem como fatores decisivos a atividade, a renda, a vida social e a relação com a família. A pesquisa de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999), realizada em Florianópolis/SC, sobre a representação social do envelhecimento com pessoas residentes naquela cidade, indicou a existência de três tipos de representação: a) uma representação doméstica e feminina onde a perda dos laços familiares é central; b) outra, tipicamente masculina, apoiada na noção de atividade, caracterizando o envelhecimento como perda do ritmo de trabalho; c) e a terceira, mais utilitarista, apresentando o envelhecimento como desgaste da máquina humana.

O trabalho de Areosa (2004), realizado em Santa Cruz do Sul/RS, aponta para a representação social da velhice associada a uma imagem positiva, vista como processo natural. O entendimento sobre o que é ser idoso perpassa questões de atividade e estilo de vida, de maneira que, enquanto realizarem atividades individuais ou sociais podem levar uma vida como qualquer outra pessoa, apesar das limitações físicas oriundas do

processo natural de envelhecimento. Esses achados são semelhantes aos reportados por Magnabosco-Martins, Camargo e Biasus (2009). Pesquisas como as de Andrade (2003), Teixeira, Nascimento-Schulze e Camargo (2002) e Freire Jr. e Tavares (2005) abordaram a temática das representações sociais de saúde na velhice, apontando para fatores como aparência física, autonomia, estilo de vida, bem-estar mental, acesso aos serviços de saúde, aspectos econômicos e sociais, presentes nesse conjunto de representações. Aspectos subjetivos sobre velhice encontram-se no imaginário social e delineiam as representações de idosos sobre envelhecimento, mobilizando sentimentos e concepções que se entrelaçam com aspectos biológicos, sociais, éticos, morais, culturais, políticos e econômicos, capazes de transformar concepções fortemente arraigadas que são acionadas sempre que os idosos falam do processo de envelhecer.

#### *2.4 O idoso e o exercício da leitura e da escrita*

Leer y escribir son formas accesibles de la felicidad.

*Jorge Luis Borges*

A velhice e o envelhecimento, no transcurso da história, adquirem significados diferentes, de acordo com as características de cada cultura. É a partir do contexto histórico, cultural, econômico, político e social que se estabelecem as relações sociais. Assim, instituir conceitos universais aceitáveis e uma terminologia globalmente padronizada para a velhice e o envelhecimento torna-se algo complexo. É isso que expõem Ferreira e Silva (2012), fazendo referências às considerações de Agich (2008) sobre o retrato da velhice. A complexidade dessa tarefa deve-se, segundo esse autor, ao fato de o significado do ser velho ser balizado por crenças e valores culturais, num dado momento histórico.

Aproximando essas afirmações da realidade que nos cerca, verificamos que a imagem da pessoa idosa reflete ainda, em nossa sociedade, determinados valores culturais que, na maioria das vezes, protagonizavam a inatividade, a exclusão, o

---

afastamento, a doença e os mais diversos olhares pejorativos. Contudo, as pessoas com mais de sessenta anos vêm ganhando novos olhares, e, lentamente, os estereótipos negativos passam a ceder espaço para uma visão mais positiva, conforme ocorrem a expansão e a divulgação de pesquisas que abordam o fenômeno do envelhecimento, bem como a maior consciência da necessidade de investimentos em políticas e programas de assistência ao idoso.

A imagem de uma pessoa envelhecida passou por estágios de reconstrução ao longo dos tempos, evoluindo à medida que a própria sociedade foi ganhando consciência da necessidade de investimentos em políticas e programas de assistência ao idoso. Assim, avanços nas condições de vida são observados pela desconstrução da imagem de incapacidade que era atribuída frequentemente aos idosos. De acordo com Grossi e Santos (2003, p. 30), “Ser considerado idoso [...] não implica que tenhamos que abandonar nossos sonhos e projetos. Envelhecemos a cada dia, desde o momento que nascemos” O processo de envelhecimento é inerente ao processo de vida, fazendo parte de um programa de crescimento e maturação em várias dimensões, tais como biológica, psicológica, social e existencial, com características estritamente particulares e individuais adquiridas no decorrer de toda a existência (RAMOS, 1996).

É na perspectiva do envelhecimento populacional, do aumento do segmento idoso em escala mundial, e não só nos países desenvolvidos, que novas demandas emergem em relação aos serviços, às questões sociais, às oportunidades educacionais, uma vez que se faz necessário reconstruir a imagem da velhice, portanto, discriminar as ações positivas da vida em detrimento da imagem negativa construída pelo outro (MOSQUERA; STOBÄUS, 2012). O “voltar o olhar para” não significa perceber os idosos apenas como mais uma categoria social de consumo, ou, ainda, entendê-los como sinônimo de degradação física e psíquica, simultaneamente antônimo de vida, de realização, de prazer (MORAES, 2003), mas sim como pessoas capazes de continuar a pensar, a aprender e a produzir intelectualmente (VALENTE, 1996).

---

A aprendizagem ao longo da vida diz respeito ao desenvolvimento das competências, o que envolve um conjunto inter-relacionado de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores possíveis de se desempenhar e que impulsionam ao melhoramento contínuo do ser, do saber e do fazer (IMSERSO, 2011). Refere-se, ainda, à capacidade para o autoconhecimento e a autovalorização, à criatividade, às relações e participações em contextos sociais, à integração e ao relacionamento intergeracional, tendo a educação um papel fundamental para a melhoria da qualidade de vida. Trata-se, enfim, de um fator determinante na promoção do envelhecimento saudável e ativo, através da autonomia pessoal, no acesso ao conhecimento em todas as idades, como elemento de enriquecimento pessoal e desenvolvimento social. Essas competências permitem-nos superar uma visão de educação baseada em conhecimento teórico, orientando-nos para desempenhos pessoais significativos, tanto individuais como sociais.

Obviamente, a questão sociocultural que envolve o adulto tardio não se extingue nesses aspectos, na medida em que ele também deve ser visto como sujeito participante na sociedade e protagonista de sua própria história, sobretudo se refletirmos sobre o aumento dessa população em nossa sociedade e no mundo. Se as estimativas apontam tal perspectiva, faz-se necessário refletir sobre a educação ao longo da vida como mediação social da qualidade de vida. Nesse novo enfoque, segundo Gadotti, a educação deve “[...] desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências” (1984, p. 157).

Nesse sentido, o fato de estar se dirigindo um olhar mais positivo ao idoso e ao envelhecimento, em detrimento dos estereótipos negativos, somado ao surgimento de novas demandas de práticas de ensino a esse público, mostra que, independentemente das restrições que a própria sociedade lhes impõe, os mais velhos possuem condições plenas tanto para desenvolver o crescimento intelectual e a aprendizagem, quanto para exercitar atividades que propiciem esse aperfeiçoamento, tais como a leitura e a escrita. Como facilitadoras do envelhecimento saudável, essas duas atividades representam

---

benefícios não apenas do ponto de vista intelectual como também do psicológico, na busca do conhecimento como um todo. Esse conhecimento, ressaltamos, depende das ações e dos aprendizados adquiridos, sendo únicos e, também, constituídos a partir das vivências do indivíduo, conforme sua trajetória.

Diversos autores, entre os quais Mosquera et al. (2006), defendem que a subjetividade e a afetividade humanas estão intrinsecamente relacionadas com o processo de aprendizagem, em que aspectos como autoestima, autoimagem e autorrealização devem ser plenamente satisfeitos para complementar o desenvolvimento cognitivo, em qualquer fase da vida. Do mesmo modo, a atitude da sociedade em relação ao processo de envelhecer é um fator decisivo para o bem-estar físico e psicológico na velhice. Os papéis sociais, a identidade existencial, o desenvolvimento do pensamento e do afeto, a cultura em geral, a percepção de mundo, enfim, o sentimento de realização se dá em comunhão íntima da mediação simbólica com seus significados dentro de um contexto social. O processo de desenvolvimento exige, portanto, constantes adaptações, e somente aprendizados renovados podem tornar o ser humano capaz de encontrar seu lugar e sentir-se bem. Enfatizamos, assim, que, em qualquer idade, de acordo com Yus, “a aprendizagem deve envolver o enriquecimento e o aprofundamento das relações consigo mesmo, com a família e com os membros da comunidade, com o planeta e com o cosmos” (2002, p. 256). Logo, desenvolvimento humano, em todas as idades, se dá, portanto, pela comunicação, cuja importância Oliveira (1995, p. 38), destaca que:

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico.

Não pode haver processo de comunicação sem a linguagem, porque ela é estabelecida num trabalho em que os sujeitos se constituem como tais à medida que

---

---

interagem com os outros. Além disso, podemos afirmar que a linguagem é um trabalho social, histórico, que tem cunho político, econômico e é perpassada por ideologias. A linguagem socializa. Sua propriedade fundamental é a de constituição do sujeito. Não existe homem sem linguagem, pois a subjetividade se constitui na e pela linguagem. Bakhtin (1992, p. 378) afirma que, quanto mais fora das possibilidades da linguagem, mais distantes estamos da subjetividade humana:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros; deles recebo as palavras, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo.

Nossa relação com a linguagem reflete a relação que temos com a vida. Gamburgo (2006) enfatiza o papel da linguagem no processo de subjetivação do sujeito que envelhece. Reconhece que a partir dela o sujeito consegue significar sua história pessoal e do mundo ao seu redor e com isso não se cristaliza em um lugar de idoso tal como o proposto pelo discurso social vigente, mas de quem, assim como o resto da humanidade, está vivo e, portanto, é responsável pelos seus dias:

Considero a linguagem um componente essencial para a manutenção da saúde e de uma vida com qualidade, na medida em que todas as esferas de atividade humana pressupõem um contexto social e o uso da linguagem. Através dela o sujeito se constitui como tal, num processo que se desenvolve ao longo de toda a sua vida... Compartilhar com sujeitos idosos suas histórias, fortemente marcadas pelas experiências vividas, proporcionou-me conhecer sujeitos social e historicamente situados [...]. Portanto, a linguagem e a comunicação dialógica contribuem para promover a saúde integral e um envelhecimento salutar, permitindo ao sujeito significar a si e ao mundo, processo que não se interrompe com a chegada da velhice; ela continua até o último dia de vida (GAMBURGO, 2006, p. 14).

Tomando a linguagem como um processo criador em que organizamos e informamos nossas experiências, torna-se importante acrescentar que, atualmente, vivemos em uma sociedade na qual não basta ser alfabetizado, sendo necessário fazer

uso da leitura e da escrita nas mais diversas práticas sociais (SOARES, 1998). Avaliando essas duas competências como oportunidade de participar mais crítica e ativamente da comunicação humana num exercício pleno de democracia, concordamos com Giardinelli (2010, p. 154), quando afirma que:

O direito de ler deveria ser algum dia, em alguma reforma, incorporado como um direito constitucional. Porque ler é inerente aos cidadãos de uma democracia. Então deve ser garantido pela República. Esse direito se baseia em que a leitura é condição básica para que uma pessoa se eduque e possa continuar, durante toda a sua vida, seu próprio processo de aprendizagem. Baseia-se também em que é a melhor garantia da livre circulação de conhecimento, que é indispensável para a construção de uma cidadania responsável, participativa, reflexiva e com pensamento autônomo. Tudo o que fortalece sua identidade e a identidade da nação inteira. [...]. Todos os direitos constitucionais se relacionam com a leitura. O direito ao trabalho, à saúde, à previdência social, os direitos das crianças e dos idosos, todas as profissões e empregos, a inclusão social em todas as suas formas, a não discriminação e todas as possibilidades de desenvolvimento econômico, social e cultural da população, tudo está vinculado com a leitura de maneira essencial, basal e irrevogável. De maneira que, assim, a leitura chega a ser um direito político fundamental. Portanto, a própria democracia depende da leitura.

Nesse mesmo sentido, Lopes (2000) salienta que o resgate da verdadeira cidadania é o resgate da possibilidade de existir para o outro. A certeza de ser olhado como alguém que só se garante como ser social na medida em que possa exercer seus direitos. Por isso, compreendemos que, em uma sociedade letrada, o sujeito à margem da escrita está tolhido nas suas possibilidades de constituição subjetiva, de autonomia, de manifestar-se criticamente e posicionar-se no mundo. Relacionada a essa questão, citamos a pesquisa realizada por Souza (2002) com o objetivo de investigar a forma como idosos analfabetos conseguem viver seu cotidiano na nossa sociedade e como eles avaliam a alfabetização. Partindo do pressuposto de que ler e escrever são atividades necessárias à vida moderna e garantem direitos aos cidadãos, ela conclui que os idosos analfabetos vivem excluídos dos espaços sociais que são intermediados pela escrita. Tal conclusão nos conduz ao pensamento de Llosa (2007, p. 380), quando afirma que o “sentimento de pertencer à coletividade humana, através do tempo e do espaço, é a realização mais elevada da cultura, e nada contribui tanto para renová-lo, a cada

---

geração, como a literatura”. As palavras de Petit (2001, p. 1) mostram-se igualmente pertinentes para nossa reflexão sobre o assunto:

A linguagem nos constrói. Ter acesso a obras cujos autores tentaram transcrever o mais profundo da experiência humana, desempoeirando a língua, não é um luxo, é um direito, um direito cultural, assim como o acesso ao saber. Porque talvez não exista sofrimento maior que estar privado de palavras para dar sentido ao que vivemos.

Assim, as práticas de leitura e escrita são um direito de todo indivíduo para seu processo de inclusão social e para o desenvolvimento de uma cidadania cultural. Na mesma linha, entende Mosquera que “o conhecimento [...] é o fator mais significativo para o mundo do futuro e este conhecimento terá de ser cada vez mais democratizado e valorizado, como forma de convivência na qualidade de vida das pessoas” (2006, p. 52). Sem dúvida, uma das formas de se obter essa democratização ocorre, justamente, por meio da leitura, uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e que é parte integrante e fundamental da vida humana. Como um meio de acesso à cultura e de aquisição de experiências, a leitura revela-se um dos principais instrumentos de participação e renovação cultural, permitindo ao ser humano situar-se em relação aos outros e ao mundo, de forma a dinamizá-lo. Enquanto um projeto de busca de significados, a leitura é geradora de novas experiências para o leitor, pressupondo seu enriquecimento mediante o desvelamento de novas possibilidades de existência.

Ao ler, o indivíduo põe em ação os sentimentos, a vontade, a memória, a imaginação, a inteligência, deflagrando um complexo exercício interior. Seguindo essa premissa, Ramos (1996), ao discorrer sobre os benefícios da leitura para o envelhecimento saudável, salienta que essa prática se torna relevante do ponto de vista intelectual e também do ponto de vista psicológico, além de implicar ganhos significativos para toda a sociedade. Ler é sempre necessário, e ainda não existe outro modo de transmissão que não seja a leitura, nem outro modo de produção que não seja a escrita. Com efeito, segundo Berberien e Massi (2006), a escrita é uma modalidade de

---

linguagem que media relações e constrói uma sociedade. Partindo do pressuposto de que, em uma sociedade grafocêntrica, quem não se apropria da linguagem escrita está à margem das relações criativas de organização e socialização das experiências, perdendo a oportunidade ímpar de (re)inventar-se através da escrita, o ato de escrever revela-se mesmo fundamental. Sendo um bem permanente, de formação e criação de valores para o desenvolvimento do pensamento próprio, para a aquisição de conhecimentos, para a ampliação de vocabulário, estruturas e modalidades textuais, ela traz componentes positivos também à fala, de modo a permitir melhor comunicação com pares, ou grupos de convívio.

Nessa perspectiva é que salientamos a relevância da escrita enquanto linguagem na constituição da subjetividade, mas, mais do que isso, enfatizamos os sentidos que a escrita de narrativas autobiográficas assume no processo de envelhecimento. Se, na expressão de Smolka (2000), a linguagem é o processo mais fundamental da socialização da memória, a escrita é constitutiva dessa memória, tornando-se, pois, imprescindível na construção de uma história. Utilizando-se do ato de escrever, os idosos podem se lembrar de fatos passados, (re) organizá-los, (re)significá-los. Assim, nas palavras de (Both) "A narração dos mais velhos pode ser vigorosa, quando dita com amabilidade; crítica, quando dita como denunciadora porque expressa as dores armadas no decurso da história, e criativa, quando dita com o propósito de reinventar os meios e os acontecimentos. Pois exercer o discurso pelo ato de "escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria vago e sufocador (GOTLIB, 1995). Por essa razão é que defendemos que a promoção de práticas discursivas na velhice contribui para a produção da subjetividade individual e coletiva, bem como para o exercício da cidadania.

### **3 METODOLOGIA**

#### *3.1 Delineamento geral do estudo*

Pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de caso (EC). Yin (2005) refere que o EC é uma estratégia de investigação que pode incorporar técnicas qualitativas, quantitativas ou mistas, embora a sua caracterização pressuponha a especificidade do fenômeno que se pesquisa. Segundo o autor, as estratégias de investigação não se distinguem pelas evidências qualitativas e quantitativas, mas por contemplarem três aspectos essenciais: o tipo de questões a investigar, a investigação, o grau de controle (que o investigador tem sobre os eventos e o foco dos fenômenos no sentido de se considerar contemporâneo ou histórico).

#### *3.2 Composição do caso*

Como caso, considera-se um acontecimento, um indivíduo, uma organização ou um programa. A sua utilização faz sentido na pretensão de investigar relações entre indivíduos em contextos específicos; interações entre participantes numa situação definida, comportamentos de indivíduos num contexto específico (YIN, 2005). Para o autor o EC pode ser constituído tanto de um único quanto de múltiplos casos. Casos únicos representam um projeto comum para realizar uma investigação, eminentemente justificável sob certas condições, por exemplo, quando o caso representa uma circunstância rara ou exclusiva ou mesmo um caso típico ou representativo. Assim, neste estudo, o caso foi composto por todos os sujeitos que estiverem frequentando a Oficina Literária oferecida pelo Creati, no período de junho a outubro de 2013. Não houve seleção dos participantes da pesquisa, de modo que todos foram convidados a participar do estudo, pois se trata do próprio caso, por definição operacional constitui a unidade de análise.

---

### 3.3 *Procedimentos de coleta de dados*

O processo de coleta de dados no EC é mais complexo que o de outras modalidades de pesquisa, pois se utiliza sempre mais de uma técnica. A utilização de múltiplas fontes de evidência (documentação, entrevistas, observação participante ou outros registros), na perspectiva de Yin (2005) permite considerar um conjunto mais diversificado de tópicos de análise e em simultâneo permite corroborar o mesmo fenômeno, de modo a conferir significância a seus resultados.

Para este estudo, os idosos que participam da Oficina Literária responderam um questionário semiestruturado (Apêndice B) que contém questões que descrevem a caracterização dos sujeitos entrevistados, tais como, idade, sexo, estado marital, número de filhos, bem como uma pergunta aberta sobre as vivências pessoais do processo de viver e envelhecer.

Por fim, neste EC foram realizadas pelos orientadores da pesquisadora entrevistas abertas com os sujeitos participantes da Oficina Literária. Esta escolha se deve ao cuidado de preservar a imparcialidade do pesquisador na coleta dos dados, uma vez que a pesquisadora coordena a oficina literária desde sua fundação. Para a condução das entrevistas foi elaborado como tópico estimulador do diálogo o seguinte tema: conversas sobre as vivências de uma pessoa idosa em uma oficina literária. As entrevistas foram registradas em meio eletrônico (gravador digital) para posterior transcrição. Os encontros destinados para a realização das entrevistas ocorreram no próprio Creati, tendo como local a sala de aula que é frequentada semanalmente para o exercício da Oficina Literária.

### 3.4 *Análise dos dados*

Como o EC vale-se de procedimentos de coleta de dados variados, o processo de análise e interpretação pode, naturalmente, envolver diferentes modelos de análise.

---

Entretanto, é pertinente na análise dos dados a utilização de técnicas que seja de natureza predominantemente qualitativa. Para este EC foi eleito o software NVivo 10.

### *3.5 Considerações éticas*

O presente projeto de pesquisa atendeu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) em observância às diretrizes que versa sobre pesquisa com seres humanos. A participação dos idosos deu-se mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, parecer 288.473, de 20 de maio de 2013.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 *Caracterização dos participantes*

A população do estudo contemplou 15 idosos frequentadores da oficina literária. São pessoas que se matêm ativas e independentes, participando da vida social e familiar. Em relação a variável gênero, a maior incidência recaiu em indivíduos de gênero feminino, correspondendo a 81,3% do total, fato que evidencia a expressiva predominância feminina, ratificando um fenômeno conhecido como feminização da velhice. Constatação essa reforçada pelo Censo Demográfico de 2010, cujos dados mostram que 55,8% do contingente populacional de brasileiros com mais de sessenta anos é composto por mulheres (IBGE, 2010). De acordo com Camarano (2003), num estudo sobre as transformações no papel social das mulheres idosas no Brasil, aponta para o fenômeno de feminização da terceira idade, pois a menor mortalidade feminina leva ao predomínio das mulheres entre a população de idosos. Uma característica que explica esse fenômeno é que as mulheres vivem, em média, sete anos mais do que os homens e estão vivendo mais tempo do que em épocas passadas. Outra característica desse grupo populacional, é que nele existe uma maior proporção de viúvas do que em qualquer outra faixa etária, acrescido ao fato de que nos projetos de práticas sociais para terceira idade, as mulheres são maioria, como confere outros estudos (ARAÚJO, PENHA; CARVALHO, 2005; RIZZOLLI; SURDI, 2010). Ainda, para Spirduso (2005) existem explicações sociais para as mulheres viverem mais. Explicações estas, relacionadas à desigualdade de trabalho e de responsabilidade entre homens e mulheres, além de hábito de saúde como o maior contato delas com os sistemas de saúde. Além disso, as mulheres são mais acometidas por doenças agudas e crônicas, não por doenças fatais.

Outros autores, baseados em suas observações e estudos fornecem razões para a adesão maior. Both (1999) em suas considerações a esse respeito lembra que as

---

mulheres que se encontram na terceira idade tiveram uma educação voltada para a vida do lar e o cuidado com os outros. Com esse dever cumprido, na sua grande parte, dispõem de tempo livre para a participação nas mais diversas atividades oferecidas. Segundo Portella (2002, p. 15) “[...] as mulheres estão vivendo um tempo de maior liberação, que as anima a pensar, afinal, um pouco em si”. A crescente integração das mulheres idosas em diversas esferas de vida social potencializa essa mudança de comportamento (NERI, 2005).

Quanto ao grau de instrução escolar, os resultados desta investigação expõem um índice indicador de nove (9) anos ou mais, entre a maioria, demonstrando alto grau de escolaridade, sendo que isso pode interferir de forma positiva na qualidade de vida dos mesmos. De acordo com Pinto et al. (2006), os idosos com menor escolaridade, e possivelmente menor nível socioeconômico, têm menos acesso a interações destinadas à diversão e lazer. A maior escolaridade torna o sujeito habilitado a uma complexidade maior em seu desenvolvimento, probabilizando cada vez mais diferenças positivas nas suas formas de pensar, querer e agir. Considerando esse aspecto, pode-se inferir que o hábito de ler e/ou estudar é benéfico à saúde mental do idoso, além de contribuir para a estruturação biopsicossocial equilibrada capaz de ultrapassar os impactos que impedem suas conquistas. Diversos são os estudos que atribuem à escolaridade importância fundamental para o desenvolvimento das funções mentais na terceira idade. Argimon (2002, p. 95) afirma que no Mini-Exame do Estado Mental “[...] evidenciou-se um efeito principal para a escolaridade. Os longevos com escolaridade até três anos tiveram um resultado significativamente inferior no mini-exame quando comparados com longevos de quatro ou mais anos de escolaridade”. Segundo Both (2004, p. 28), essa constatação leva a crer que o desenvolvimento das estruturas nervosas torna-se passível de aperfeiçoamento, as quais se tornam indutoras não somente de qualidade comunicativa durante a vida e de constante aperfeiçoamento do sistema nervoso, como do desenvolvimento afetivo, uma vez que se considere a profunda unidade biopsicossocial.

## 4.2 As representações

As representações dos idosos se apoiaram em cinco categorias que, embora não definam objetos de estudos representacionais, caracterizam a semântica dos discursos proferidos. A Figura 1 apresenta as representações dos idosos acerca da participação na Oficina Literária.

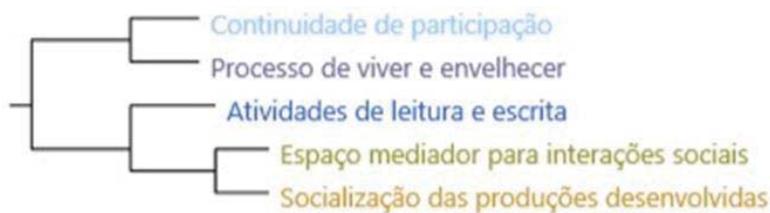


Figura 1 - Nós em cluster por similaridade de palavras.

Na figura apresentada, percebemos a similaridade das representações para continuidade de participação atrelada ao processo de viver e envelhecer. Provavelmente pela constatação de limitações e impossibilidades com o avançar da idade, impedindo, no caso, a participação. No segundo nó, a similaridade representada diz da oficina como espaço mediador para interações sociais e socialização das produções desenvolvidas. Atividades de leitura e escrita ganham destaque nessa representação pelo entrelaçamento com os demais nós.

### 4.2.1 Processo de viver e envelhecer

O envelhecimento é um processo natural irreversível e individual, que acomete os indivíduos no decorrer de suas vidas. É acompanhado por perdas progressivas de função e de papéis sociais. É um processo único que depende de capacidades básicas, adquiridas e do meio ambiente (CAMARANO; KANSO, 2009). O trabalho de Areosa (2004), realizado em Santa Cruz do Sul/RS, aponta para a representação social da velhice associada a uma imagem positiva, vista como processo natural. O entendimento sobre o que é ser idoso perpassa questões de atividade e estilo de vida, de maneira que,

---

enquanto realizarem atividades individuais ou sociais pode levar uma vida como qualquer outra pessoa, apesar das limitações físicas oriundas do processo natural de envelhecimento.

Os aspectos relativos ao envelhecer são amplos e complexos, envolvendo questões pessoais e coletivas. É um processo natural que acomete os indivíduos no decorrer de suas vidas e que provoca uma série de alterações em seu organismo. Atualmente pode ser definido a partir do conjunto das condições biológicas, psicológicas, emocionais, sociais, econômicas, ambientais, espirituais, com a família e a sociedade, no seu passado, no seu presente e em suas perspectivas, conforme Rodrigues e Terra (2006) nos remetem ao conceito da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005, p. 13) sobre envelhecimento saudável como sendo multidimensional, invocando a necessidade de revalorizar o papel das pessoas idosas na sociedade, mediante iniciativas, vivências e experiências em consonância com o envelhecimento ativo, entendido, este como “[...] o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”.

O engajamento nas atividades oferecidas pelas Universidades Aberta para a Terceira Idade otimiza as oportunidades de qualificação do viver dos mais velhos. Aguiar et al. (2006), ao se reportar a participação de mulheres em programas de Universidade Aberta para a Terceira Idade sinaliza que esta experiência possibilita a partilha de saberes, a re-significação do sentido da velhice e o exercício da cidadania. Nesse alinhamento, o estudo de Ordonez e Cachione (2009) ressalta que as pessoas que participam dos programas oferecidos pela Universidade Aberta para a Terceira Idade vivenciam uma experiência benéfica, pois se apoderam de conhecimentos, os quais provocam efeitos compensatórios e estimulantes para um envelhecimento satisfatório.

Ainda que nessa etapa se vejam diminuídas algumas faculdades físicas e psicológicas, os mais velhos são um coletivo heterogêneo que constitui um importante

---

potencial para as sociedades do século XXI, ao contribuir com a experiência, o conhecimento, o compromisso e o envolvimento necessários para promover a vida em comum. Ao contrário do que a sociedade e muitos de nós pensamos, ele está associado não somente a fatores negativos, mas também a uma série de aspectos positivos que enriquecem a vida do indivíduo em diversas áreas. Sendo assim, o idoso não pode mais ser visto como um ser que não tem mais nada a oferecer ou ser associado à imagem de doença, incapacidade e dependência.

A questão do envelhecimento é mundial e merece um cuidado e planejamento no respeito às diferenças, a identidade e a complexidade de cada sociedade e dos indivíduos, permitindo que as pessoas percebam o seu potencial para o bem estar físico, social e mental ao longo do curso da vida (ARAÚJO, 2010).

Os participantes que expressaram manifestações relacionadas ao nó processo de viver e envelhecer revelaram suas percepções acerca deste processo calcada na dimensão multifatorial. Dar-se conta de que está envelhecendo é percebido na dimensão social, observando a forma de tratamento expresso pelos demais; a dimensão física se sobressai pela funcionalidade, na medida em que o tempo passa, a força e a vitalidade física apresentam declínio, em contrapartida a valorização da dimensão existencial revela o *self* fortalecido, uma visão positiva sobre o envelhecer corroborada pela fala a seguir:

*Percepção pessoal sobre o processo de envelhecer notei quando as pessoas começavam a me chamar de senhor [...] Neste passar do tempo fui percebendo que a parte física, mais disposição, já não era como antes. Uma coisa que achei ótima é que a medida que eu fui envelhecendo, fui dando menos importância para a opinião alheia, inclusive meus filhos.*

P3

Conforme Veras (2009), o avanço da idade cronológica não impede os idosos de conduzirem suas vidas de forma autônoma e decidir sobre seus interesses, sendo considerados indivíduos saudáveis, ainda que apresentem uma limitação funcional. Essa

perspectiva envolve uma visão positiva da saúde, que deixa de ser uma condição estática, definida biologicamente, para ser um estado dinâmico, produzido socialmente (BUSS, 2000). O estudo realizado por Araújo, Penha e Carvalho (2005) sobre representações sociais da velhice entre idosos participantes de grupos convivência salienta que a participação do idoso em projetos de práticas sociais produz mudança nas representações. O fato da convivência em grupo favorecer a utilização das potencialidades dos envolvidos patrocina a pertinência de contemplar representações relacionadas a auto-imagem positiva da velhice.

A aposentadoria é o destino inevitável daqueles que se inscrevem em determinada forma de trabalho social. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1998) define como marco inicial da velhice a idade de 60 anos para pessoas dos países em desenvolvimento e 65 anos para aquelas dos países desenvolvidos. Tal limite proposto induz à associação corrente entre velhice e aposentadoria. Enquanto associadas, remetem a uma representação em que o velho em face de suas “limitações” é percebido como não mais produtor de bens e serviços e, portanto, marginalizado nos contextos sociais pautados pelo valor produtivo. Constituindo-se como um corte e uma mudança significativa na relação de cada um com o campo social, não deixa de ser um momento complexo, pois aí são somadas a perda de determinada função social, mudanças no poder aquisitivo e nas formas de viver com efeitos sobre os laços sociais, as identificações e as ideias.

*Me dei conta do processo de viver e envelhecer há poucos anos, com a aposentadoria. Sempre fui muito ativa, por conta do meu trabalho durante quarenta anos. Mas o corpo não corresponde à mente. Temos que acostumar e conviver com essas mudanças negativas.*

P1

Este mundo é totalmente novo e o momento requer uma reorganização da vida familiar, novas relações afetivas, novos espaços de convívio e relacionamento fora do mundo do trabalho, que pode constituir-se num momento de abertura a novos investimentos na vida. Como possibilidades, surgem os trabalhos alternativos, hobbies,

as experiências em artes e ofícios que geram autonomia em relação à organização do tempo em função do trabalho (CARLOS et al., 1999). Não obstante, o tempo livre na aposentaria pode se vivenciado de modo ambivalente: ser usado para o desenvolvimento pessoal, mas também experimentado como um tempo sem sentido. Assim, é importante o desenvolvimento de um ócio maduro nesta fase da vida; entretanto, poucas pessoas desenvolvem práticas que possibilitem o uso do tempo livre que as satisfaçam (CABEZA, 2009), pois existem diferenças no processo de significação e enfrentamento dessa etapa de vida de acordo com fatores pessoais, culturais, sociais, e econômicos a que estão submetidos os trabalhadores (RODRIGUES et al., 2005).

Envelhecer é fato inevitável no curso da vida, pois inicia já com o nascimento e estende-se ao longo dos anos. Esse processo faz parte do ciclo vital, seguindo-se ao longo do tempo e findando com a morte. A velhice expõe as pessoas a vivenciarem situações de perda, dentre as quais se incluem as “sociais”, como quando o idoso deixa de desempenhar um papel importante no trabalho, na família e na sociedade. Contudo, o maior sofrimento é representado pelas “perdas emocionais”, porque estão relacionadas à partida de pessoas queridas (PORTELLA; PASQUALOTTI, 2005).

A viuvez traz à mulher idosa inúmeras transformações nos aspectos físico, psicológico e social, representando um novo desafio em sua vida. Impacto da perda e a superação e o tempo é um aliado para amenizar o sofrimento.

*Tive um olhar mais acurado sobre o meu processo de viver e envelhecer, quando eu perdi meu marido. Durante o tempo da sua doença tive que trabalhar dobrado. Comecei a sentir o peso da idade. Há quase trinta anos estou aposentada e não tenho mais relógio. Sou dona do meu tempo. Quando meu filho se formou pensei: “Agora vou cuidar de mim”.*

P2

Analisando a fala de P2 torna-se evidente que a viuvez gera impacto e marcas profundas, visto que as dificuldades se exacerbam nos primeiros tempos, seguindo-se certa adaptação ou conformismo.

---

#### 4.2.2 Atividades de leitura e escrita

A leitura além de ser uma das atividades essenciais ao ser humano é um direito de todos, um direito de cidadania. Como bem permanente de formação e criação de valores revela-se fundamental para o desenvolvimento de sujeitos críticos, capazes de refletir, sob óticas variadas, acerca do mundo em que vivem e que constroem em seu cotidiano, interpretando-o. Lemos todas as horas, todos os dias, todas as semanas, todos os meses. O homem se constitui como tal a partir de sua capacidade de ler, ampliando seus horizontes, seus conhecimentos, seus repertórios culturais, sua capacidade crítica e inventiva. O ato da leitura coloca o sujeito leitor no mundo, num processo simultâneo e recíproco de reconstrução. Ler dá ao mundo gamas novas de significação. Ler é transformar e transformar-se. O leitor torna-se outro em relação a si mesmo. Não há neutralidade no ato da leitura – ler é uma travessia das múltiplas textualidades inscritas no texto verbal, não verbal, literário, documental, científico, etc. Para Yunes (2009), ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e, ao mesmo tempo, tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo. O ato de leitura não corresponde unicamente ao entendimento do mundo do texto, seja ele escrito ou não. Ele diz respeito à familiarização com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais jornalística, artística, judiciária, científica, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras, para desenvolver uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles.

*As atividades advindas da leitura e escrita significam um desafio produtivo. Descubrem-se talentos que não se sabia que existia. Eu até fiz um poema sobre envelhecer. A Leitura tem um peso fundamental, mas a escrita é boa, me desafia.*

P13

---

*Eu gosto muito de ler, por isso vim para a oficina e escrever é uma consequência de frequentá-la, onde a gente pode escrever tudo o que quiser, por que a gente tem uma bagagem. Claro, não é para ser um escritor famoso.*

P12

*A leitura sempre foi bem difundida na oficina. Escritores como Elisa Lucinda, Moacyr Scliar entre outros. A gente lê, discute, socializa. Gosto mais de ler e na escrita tenho mais dificuldade. Os dois me dão satisfação.*

P6

A importância atribuída à leitura teve o hábito e o prazer como características modais que, dessa maneira, afirmam a aceitação destes aspectos como imprescindíveis para qualificar a comunicação, ampliar a compreensão de mundo e das coisas e facilitar a prática da expressividade.

#### 4.2.3 Espaço mediador para interações sociais

Segundo Erbolato (2006), embora na velhice já tenham sido aprendidas muitas das habilidades necessárias ao bem viver, o contato social continua relevante, pois também nessa fase os outros representam uma potencial fonte de segurança, de amor, de sentimentos de pertencimento, além de parâmetros para o indivíduo avaliar a adequação de seus comportamentos, sentimentos e aprendizagens. Os papéis sociais, a identidade existencial, o desenvolvimento do pensamento e do afeto, a cultura em geral, a percepção de mundo, enfim, o sentimento de realização se dá em comunhão íntima da mediação simbólica com seus significados dentro de um contexto social. Os outros confirmam a ideia que se faz de si mesmo. Para Both (2014, [s.p.]) a questão do reconhecimento é, sem dúvida, um desejo de quem quer ser ouvido. Isso acontece quando o comunicador tem certeza que alguém está entendendo sua fala. Sem isso o comunicador fica à deriva e seus sentimentos e pensamentos são indeterminados. A qualidade de quem ouve, então, é importante para o comunicador fortalecer seu pensamento. E até pode dizer: que beleza, alguém conhece o que eu sei e não me engano. Isto é o reconhecimento. A autoestima é um dos resultados do reconhecimento.

Não é possível envelhecer bem sem a admiração sobre os feitos do passado. Daí se explica o quanto é agradável aos mais velhos revelar a sua trajetória. A revelação pública dos feitos fortalece ainda mais o senso de poder e encantamento de quem diz o que foi e, na atenção de quem ouve, percebe a impressão viva das dimensões de sua existência. Fica bastante claro: não somos suficientes, o olhar que nos produz são os outros.

Percebemos, a relevância da oficina literária como espaço mediador para relações sociais nas falas reveladas pelas entrevistas, que os idosos têm em suas memórias relatadas um momento de desenvolvimento, pois o universo dos seus vividos é resgatado e recebido a ponto de determinar quem são eles.

*A oficina literária como perspectiva de um espaço mediador foi excelente desde o primeiro momento de minha participação. Me senti em casa [...] Esse espaço proporciona a convivência [...] Nos dá uma bagagem, um suporte, um olhar para as coisas com os outros olhos, pra fora daqui, nos dá leveza para conviver com as outras pessoas.*

P1

*Ela é um espaço adequado para o convívio social. Trocamos ideias, fazemos colocações, ouvimos os colegas e com isso vamos ajudando a vida. É magia pura. Pra mim é uma benção poder participar.*

P5

*Esse espaço de conviver com as pessoas é uma coisa muito importante, saber ouvir, compartilhar. Abriu-se um leque pra mim, abriu-se novos horizontes. Eu estou num lugar onde eu gostaria de estar, com pessoas que eu gostaria de estar num mundo de esperanças e aqui tudo é bom, tudo é alegria. Espaço que possibilita toda troca de vivências, convivências.*

P8

O fato de o idoso estar em grupo, nesse processo de aprendizagem, contribui, segundo eles, para a compreensão e aceitação do processo de envelhecimento humano e principalmente a necessidade de exercitar a comunicação e a autonomia pessoal e imagem social. Para o idoso, em particular, essa motivação poderá estar na necessidade de continuar interagindo, continuar tendo autonomia e sendo ativo, desenvolvendo as

---

potencialidades, que por muito tempo, ficaram relegadas em favor de outras coisas. Segundo Goldfarb (1998, p. 62) O idoso é um sujeito psíquico em constante crescimento e evolução, altamente afetado pela representação de um corpo que se deteriora e pela consciência da finitude. Mas, estamos falando de um limite e não de uma limitação. Limite que será do corpo biológico que sofre uma involução, mas não daquele outro que sabemos capaz de ter prazer, instrumento de amor e que deverá ser incentivado a sentir e se sensibilizar com a proximidade dos outros e a força dos vínculos.

#### 4.2.4 Socialização das produções desenvolvidas

Com a intenção de criar uma oportunidade para revelar a importância da memória dos vividos, esses espaços, da oficina literária promotores de intersubjetividade comunicativa, com destaque para o Sarau, tem a pretensão de encorajar e descobrir o valor das narrativas públicas comemorativas da trajetória existencial dos seus alunos idosos, pois a autoridade dos mais velhos não se encontra somente no capital de suas experiências culturais e científicas, mas, no presente estudo, sobre as falas públicas dos vividos. Para Both (2006, p. 144),

O fato de a fala dos idosos ser muitas vezes pouco participativa leva a um processo de incomunicação, o que pode comprometer o seu desenvolvimento intelectual e afetivo. Ao contrário, com a presença de pessoas íntimas e, de modo especial, os netos, parece haver um grande sentido de comunicação, ampliando-se o próprio sentido de identidade dos netos e os espaços de autoconsideração. O complexo afetivo desdobra-se, possibilitando a compreensão da própria ternura e seus reflexos em toda a extensão da vida, principalmente em compreender, posteriormente, que a velhice pode ser um momento de alternativas para existir melhor.

A capacidade narrativa do idoso remodela o fato lembrado de acordo com os aspectos mais significantes, transformando o significado dos acontecimentos ao longo da vida. Já Bosi (1987, p. 17) afirma que [...] a memória coletiva representa o universo de uma caminhada coletiva. É um trabalho de refazer, reconstruir, repensar, com

---

imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Pelo trabalho da memória afirmam-se as possibilidades do existir dos mais velhos, ampliando-se o sentido de sua integridade e da autenticidade na formação da personalidade dos seus, pois não é o físico ou o territorial que permite a existência do grupo, e, sim, a dimensão do pertencimento social, criada por laços afetivos. Torna-se, assim, mais visível a necessidade da memória para a construção da identidade, pois o sentido social presente na memória dos grupos sociais, reforça o fator da diferenciação entre os grupos, dado pela consciência de fronteiras socioculturais estabelecidas através dos sentimentos de pertencimento, criadores de identidade (FÉLIX, 1998).

Rememorar fatos do passado e evocar lembranças faz com que o idoso una um começo a um fim, ordenando fatos no tempo (NOVAES, 1997). Sobre o narrador, Bosi (1987, p. 91) comenta: “Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é de contá-la até o fim, sem medo”.

*Meu olhar sobre o sarau é de um espaço muito interessante, oportunizador para as pessoas levar os seus textos, vender o seu peixe. É o fechamento de determinados períodos, da produção. Textos no jornal, com publicação semanal, é uma oportunidade para exibir para a comunidade a bagagem e a capacidade do idoso se comunicar, explicitar as suas ideias.*

P2

*Espaços para divulgação da oficina como o sarau é um momento mágico. É muito bom, muito gratificante o nosso sarau de todo o ano. Poder apresentar para a sociedade aquilo que é trabalhado, produzido em espaços como a oficina literária.*

P5

*Pra mim é um momento divino, maravilhoso, por que os meus amigos, todos, são convidados, dos mais diversos segmentos que frequento, participo e a minha família, que vão lá me aplaudir. Me acho importante, colocando os meus escritos. É um fechamento, divulgação de um trabalho feito durante todo o ano. Se sentir bem com o que se produziu é receber a importância que é dada por esse trabalho.*

P15

---

*O jornal é mais lido e as pessoas me ligam parabenizando. Sensação de orgulho, mesmo. A agenda é que estou participando e vou trabalhar via online. O sarau é uma coisa que jamais imaginei, mas depois eu encarei. O primeiro foi mais difícil, mas depois fui me acostumando à exposição. O Sarau é fascinante.*

P13

Além de tudo, pelas falas públicas, acontece um processo de auto-representação melhorada e de renovação de sentimentos. Questões relevantes se põem nestas falas, evidenciando a percepção dos idosos enquanto realizadores de uma tarefa de respeito, uma vez que recebem autorização pública para que o conhecimento tenha maior repercussão, trazendo aprimoramento para os aspectos éticos e afetivos dos pronunciamentos, como também por verem que suas vidas não ficam em branco, mas se inscrevem com valor na vida de seus familiares, amigos e da comunidade em geral.

O sujeito idoso se expressa como pessoa humana, compartilha e amplia seu saber acumulado, sua bagagem cultural de relação com o universo em que vive, tendo a possibilidade de transformar-se, assim como, de ser agente de transformação, alinhado ao pensamento freiriano (FREIRE, 2011). Tais exercícios traduzem o intuito do espaço proposto na oficina que se mostrou promotor da expressão na maturidade, no envelhecimento ou na velhice.

#### 4.2.5 Continuidade de participação

Os estudos de Costa e Campos (2003) afirmam que grupos de convivência para idosos têm sido apontados como espaços que propiciam formas de empoderamento e de cidadania no cotidiano de seus participantes, uma vez que promovem mecanismos individuais e coletivos para ações de intervenção na terceira idade. Segundo Araújo, Coutinho e Santos (2006) a possibilidade de ter um espaço de convivência, no qual é permitido compartilhar alegrias, tristezas, conhecimentos, entre outros, propicia ao idoso um suporte emocional e de motivação para que este indivíduo tenha objetivos em sua vida. A Oficina Literária, a exemplo dos grupos de convivência, possibilita realizar diferentes atividades e, ao mesmo tempo, conversar, sorrir e estar com outras pessoas,

esses aspectos são referidos pelos idosos como benéficos. Essa afirmativa pode ser evidenciada em alguns trechos extraídos dos estudos incluídos na categoria de continuidade de participação e descritos a seguir:

*Pretendo continuar até que me for permitido, tiver saúde e puder conviver.*

P6

*Já estou há vinte anos e pretendo continuar enquanto puder.*

P14

*Penso em continuar participando da oficina e daqui a pouco mostrar, também exibir meus trabalhos concretizados.*

P1

Para o idoso, em particular, essa motivação poderá estar na necessidade de continuar interagindo, mantendo sua autonomia e sendo ativo, desenvolvendo as potencialidades, que por muito tempo, ficaram relegadas em favor de outras coisas.

A espiritualidade é uma característica exclusivamente do ser humano. É a percepção de uma presença maior do que a humana, uma força ou energia interior que nos faz reconhecer a existência de um ser superior. É o sopro da vida, que impulsiona e integra o ser humano a tudo o que o cerca. É um sentido de conexão com algo maior que si próprio, um sentimento de pertença ao universo (LYRA, 2000). De acordo com Dalai-Lama (2006, p. 25), “a espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano- tais como o amor, e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia, que trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros”. A fala descrita a seguir revela o teor da espiritualidade do sujeito quanto à prospectiva de continuidade na oficina:

*O dia de amanhã a gente não sabe, mas precisamos estar em constante aprimoramento, ajustes das coisas. Tenho vontade de me envolver, desejo crescer, evoluir intelectualmente e espiritualmente.*

P1

---

Sabe-se que a espiritualidade ganha uma dimensão maior à medida que envelhecemos, pois permite refletir e contemporizar a história e os acontecimentos da vida, tornando-nos conscientes da finitude do corpo material e mais reflexivos sobre a validação da imortalidade da alma. Assim, a espiritualidade tende a assumir um papel vivificante e transformador na busca de um significado para a vida e para a nossa existência. Nesse sentido, Boff e Betto (1994) salientam que a espiritualidade é uma ferramenta poderosa e criativa que permite uma nova maneira de ser, de existir, de interagir e de responder aos desafios, dando sentido às emoções e à existência.

A partir dos achados entende-se que os programas voltados ao idoso são de fundamental importância para a consolidação do protagonismo de sua própria história, na reivindicação de seus direitos de cidadania, de prazer, de reconhecimento social como também de serem agentes modificadores de uma realidade que lhe é imposta ainda como negativa. De acordo com Torralba (2006), é preciso positivar espaços onde as pessoas transitem, convivam, façam suas atividades, ampliem a sua circulação no mundo, suas faculdades cognitivas, físicas e afetivas, possibilitando viabilizar um envelhecimento produtivo e saudável, dotado de sentido, como realização da dignidade humana.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo das representações sociais permite acessar as dimensões do conhecimento e do afeto que participam da construção de sentidos, dando-lhes o caráter psicossocial. Dessa forma, a proposição desse estudo centrou-se na necessidade de conhecer como pessoas idosas ou próximas dessa faixa etária compreendem o processo de viver e envelhecer enquanto participantes de um projeto oficinairo mediado pelo exercício da oralidade, da leitura e da escrita, exercício permanente de expressividade e dialogicidade, considerando que o problema investigado focaliza experiências humanas, valores e crenças como parte da realidade social.

Considerando esta perspectiva e com o intuito de trazer contribuição para o campo da Gerontologia, a partir de uma experiência original de perspectiva multidisciplinar, que vincula narrativas ficcionais e o processo de viver e envelhecer através da expressão individual e coletiva como ferramenta de inclusão e de valorização do sujeito idoso, é que esse trabalho teve seu enfoque e, na Teoria das Representações Sociais, buscou sustentação.

As representações dos idosos se apoiaram em cinco categorias (processo de viver e envelhecer; espaço mediador para interações sociais; atividades de leitura e escrita; socialização das produções desenvolvidas e continuidade de participação) que, embora não definam objetos de estudos representacionais, caracterizam a semântica dos discursos proferidos.

Pelas representações de maior intensidade vistas nas categorias, observou-se que a Oficina Literária se revela como uma provocação de revoluções internas e externas, ao denunciar problemas diversos da atualidade; proporcionando a exposição de pontos de vista e maneiras diferentes de ver e interpretar a realidade. Tais atitudes colocam em jogo todo o sistema de valores, crenças e costumes que refletem o sistema social em que

---

se deu a sua socialização e em que o grupo foi criado. Nesse sentido são de extrema relevância as mediações dos papéis e representações, cujos significados passam a constituir o conteúdo das operações de mudança que dependem das oportunidades e reconhecimento sociais em torno das quais os sujeitos vão estabelecendo suas referências e significados.

A partir dos resultados permite inferir que oficinas, outorgas de papéis e exercícios são importantes para abertura de caminhos na formatação de uma nova habitabilidade para a vida, que se estende cada vez mais. Portanto, acredito que o ensino-aprendizagem confirmado entre professor-aluno-texto proporciona, através dessa interação, condições para o idoso fazer-se compreendido no grupo, em casa, na comunidade, nos jornais da cidade, em concursos literários: ora questionando, ora dividindo conhecimento ou partilhando alegrias ou tristezas colhidas ao longo da existência.

Assim, a participação do idoso na Oficina Literária significa o “poder fazer”, o “constituir-se em ser produtivo”, e a ânsia pelo saber o faz abandonar o seu casulo para alçar voo ao encontro de novos horizontes, constituindo-se, definitivamente, em um Ser-Sujeito, com vez e voz. Por isso, não há restrições para expressarem o que são como seres humanos. Os idosos, atualmente, buscam sua liberdade de expressão e melhor expressividade. É bem aí que a oficina pretende ser, ainda que a experiência proposta seja de um território de pequena extensão, mais uma contribuição na reinvenção social da velhice. Assim, ela anuncia, ainda que em pequena escala, um elemento sinalizador de maior liberdade aos mais velhos, pois tem a pretensão de oferecer-se como parte dos esforços de emancipação. Toda a sua metodologia está imbuída dessa intenção: os textos escolhidos, as diferentes opiniões e as experiências é que facilitam a maioria do grupo. Dessa maneira, acredito que uma forma de estender essa experiência original será muito produtiva para a expressão melhorada da gerontogogia.

---

Com esse estudo foi possível confirmar que um trabalho grupal pode desempenhar um importante papel na reelaboração de vínculos entre idosos, promover a inclusão social, possibilitar a vivência da cidadania e oportunizar um envelhecimento dotado de sentido. As práticas de linguagem oral, de leitura e de escrita são, conforme apontado nas falas dos alunos/participantes, formas de atender às demandas da sociedade envelhescente. A configuração do grupo da Oficina Literária, com sua estrutura e característica específica, unem os sujeitos, possibilitando que esses assumam posição de interlocutores uns dos outros. Essa interação tem convocado a reorganização da história de vida de cada integrante da Oficina, pela via da oralidade e, sobretudo, da leitura e da escrita. A constituição de um grupo, portanto, possibilita que os sujeitos que o integram passem a agir com e sobre a linguagem de maneira capaz de gerar mudanças e transformações nas relações que estabelecem com a leitura e a escrita, a partir da organização de relatos de suas histórias no e para o grupo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. G. G. et al. A experiência do núcleo de bairro do programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA: um exercício de cidadania e solidariedade. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 9, p. 117-129, 2006.

ARAÚJO, E. N. P. Longevidade: novos desafios na sociedade contemporânea. *Revista Portal de Divulgação*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 25-28, nov. 2010.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. Â. M. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 118-131, 2005.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. Análise psicossocial do idoso em instituições gerontológicas. In: FALCÃO, D.V. S.; DIAS, C. M. S. B. (Orgs.). *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas*. Casa do Psicólogo: São Paulo, 2006. p. 131-150.

AREOSA, S. V. C. O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento? *Revista Virtual Textos e Contextos*, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 1-12, 2004.

ANDRADE, O. G. Representações Sociais de saúde e de doença na velhice. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, v. 25, p. 207-213, 2003.

ARGIMON, I. *Desenvolvimento cognitivo na terceira idade*. 2002. 95 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BALDIN, C. B.; FORTES, F. V. L. Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p.43-54, jan./jun. 2008.

BOFF, L.; BETTO, F. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BOTH, A.; BOTH, T. L.; GASSEN, T. Da intersubjetividade à subjetividade: dos significados das narrativas públicas dos avós para seus netos. In: PORTELLA, M.R.; PASQUALOTTI, A.; GAGLIETTI, M. (Orgs.). *Envelhecimento humano: saberes e fazeres*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2006. p. 134-146.

BOTH, A. Linguagem, pensamento e afeto: fundamentos educacionais para o desenvolvimento de idosos. In: PASQUALOTTI, A.; PORTELLA, M. R.; BETTINELLI, L. A. (Org.). *Envelhecimento humano: desafios e perspectivas*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2004. p. 19-35.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Edusp, 1987.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. *Resolução 466: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília: MS, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. *Estatuto do idoso: dispositivos constitucionais pertinentes*. Lei 10741, de 1º de outubro de 2003, normas correlatas, índice temático. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003.

\_\_\_\_\_. *Portaria 2.528, de 19 de outubro de 2006*. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/2528%20aprova%20a%20politica%20nacional%20de%20saude%20da%20pessoa%20idosa.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CABEZA, M. C. Más allá del trabajo: el ocio de los jubilados. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 9, p. 13-42, 2009.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. *Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados*. Rio de Janeiro: Ipea, 2009.

---

CAMARANO, A. A; PASINATO, M. T. *O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas*. Rio de Janeiro: IPEA, 2005. Disponível em: <<http://www.ucg.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Envelhecimento%20Populacional%20na%20Agenda%20das%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

CARLOS, S. A. et al. Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 1, n. 6, p. 77-88, 1999.

COSTA, F. G.; CAMPOS, P. H. F. Práticas institucionais e representações da exclusão na terceira idade. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. S. (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas*. Goiânia: EdUCG. 2003. p. 187-207.

CARVALHO NETO, J. B. P. Velhos e idosos. In: BAKKER FILHO, J. P. (Org.). *É permitido colher flores? Reflexões sobre o envelhecer*. Curitiba: Champagnat, 2000, p. 125-148.

DALAI-LAMA. *Uma ética para o novo milênio*. Trad. Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

ERBOLATO, R. M. P. L. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, E. V. et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara, Koogan, 2002. p. 957-964.

FERICGLA, J. M. *Envejecer: una antropología de la ancianidad*. Barcelona: Anthropos, 1992.

FÉLIX, O. L. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1998.

FERREIRA, A. J.; SILVA, R. F. D. da. Uma leitura da educação e do ensino. In: \_\_\_\_\_. et al. (Org.). *Educação e envelhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

FREIRE Jr., R. C. TAVARES, M. F. L. A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. p. 9, 147-158, 2005.

---

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43ª Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2011.

GADOTTI, M. *A educação contra a educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GROSSI, P. K.; SANTOS, A. M. Velho, eu? Pijama e chinelo, só para dormir. In: DORNELLES, B.; COSTA, G. J. C. (Orgs.). *Investindo no envelhecimento saudável*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 7-35.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 2 out. 2012.

INSTITUTO DE MAYORES Y SERVICIOS SOCIALES - IMSERSO. *Libro blanco*. 2011. Ministerio de Sanidad. Política Social e Igualdad. Secretaría General de Política Social y Consumo. Disponível em: <[http://www.imserso.es/imserso\\_01/envejecimiento\\_activo/libro\\_blanco/index.htm](http://www.imserso.es/imserso_01/envejecimiento_activo/libro_blanco/index.htm)>. Acesso em: 2 ago. 2011.

JODELET, D. (Org.). Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

LOPES, A. Dependência, contratos sociais e qualidade de vida na velhice. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Eds.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Alínea, 2003, p. 129-140.

LLOSA, M. V. *A verdade das mentiras*. São Paulo: Arx, 2007.

LYRA, J. H. B. *Espiritualidade: liberdade profética do espírito*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2000.

---

MAGNABOSCO-MARTINS, B. V.; CAMARGO, F. B. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*, v. 8, n. 3, p. 831-847, 2009.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVTHI, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 89-111.

MORAES, P. R. *Geografia geral do Brasil*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

MOREIRA, M. L. C. Relacionamento familiar entre gerações. In GUIDI, M. L. M.; MORALES, M. R. Grupo de reflexão: espaço de acolhida escuta e transformação. In: WOLFT, S. H. (Org.). *Vivendo e envelhecendo: recortes de práticas sociais nos núcleos de vida saudável*. São Leopoldo: Unissinos, 2009. p. 171-175.

MOREIRA, M. R. L. P. (Orgs.). *Rejuvenescer a velhice: novas dimensões da vida*. Brasília: EdUNB, 1996, p. 50-66.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSQUERA, J. J. M. et al. Universidade: autoimagem, autoestima, autorrealização. *UNIrevista*, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2006.

MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. O envelhecimento saudável: educação, saúde e psicologia positiva. In: FERREIRA, A. J. et al. (Orgs.). *Educação e envelhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 14-22.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Orgs.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. São Paulo: Papirus, 2004.

NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2005.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky*. São Paulo: Scipione, 1995.

---

ORDONEZ, T. N.; CACHIONI, M. Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 74-86, jan./abr. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. *Versão em português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL)*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Disponível em: <<http://www.ufgrs.br/psiq/whoqol84.html>>. Acesso em: 29 jan. 2014.

PETIT, M. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. México: FCE, 2001.

PINTO, J. L. G.; GARCIA, A. C. O.; BOCCHI, S. C. M.; CARVALHES, M. A. B. L. Características do apoio social oferecido a idosos de área rural assistida pelo PSF. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.753-764, Jul./Set. 2006.

PORTELLA, M. R; PASQUALOTTI, A. A atenção aos idosos pobres e desvalidos: um olhar com relação às ações cuidativas dos agentes pastorais. In: SANTIN, J. R.; VIEIRA, P. S.; TOURINHO FILHO, H. (Orgs.). *Envelhecimento humano: saúde e dignidade*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005. p. 135-164.

RAMOS, L. R. *Manual de gerontologia: um guia prático para profissionais, cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

RIZZOLLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010.

RODRIGUES, N. C.; TERRA, N. L. *Gerontologia social para leigos*. Porto Alegre:

*Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p.7-19, 2002.

SAMPAIO, T. Tecendo cultura com mediações que unem o corpo, saúde e lazer. *Movimento*. Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 73-96, set./dez. 2006.

SILVA, I. R.; GUNTHER, I. A. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 16, n. 1, p. 31-40. 2000.

SIQUEIRA, R.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.

SPIRDUSO, W. W. *Dimensões físicas do envelhecimento*. São Paulo: Manole, 2005.

TORRALBA, R. Envelhecimento e “cuidado de si”. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-207, 2006.

VALA, J. Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Orgs.). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1996. p. 353-384.

VALENTE, J. A. O papel do facilitador no ambiente Logo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O professor no ambiente Logo: formação e atuação*. São Paulo: UNICAMP, 1996, p. 1-34.

VELOZ, M. C. T.; NASCIMENTO-SCHULZE, C. M.; CAMARGO, B. V. *Representações sociais do envelhecimento*. Psicologia: Reflexão e Crítica. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 479-501, 1999.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios, inovações. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 548-554, maio/jun. 2009.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. & OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998, p. 1-26.

YUNES, E. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymarará, 2009.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YUS, R. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

XAVIER, F. M. F. et al. Elderly people's definition of quality of life. *Revista Brasileira Psiquiatria*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 31-39, 2003.

## ANEXOS

Anexo A. Parecer Comitê de Ética

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Representação social do processo de viver e envelhecer pelo exercício de leitura e escrita

**Pesquisador:** Pia Elena Zancanaro Borowski

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 16962213.0.0000.5342

**Instituição Proponente:** FUNDACAO UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 288.473

**Data da Relatoria:** 29/05/2013

**Apresentação do Projeto:**

O objetivo do presente estudo é descrever a representação social do processo de viver e envelhecer do sujeito idoso por meio do exercício de leitura e escrita, enfocando a sua participação em uma oficina literária. Com tal delimitação, visa a analisar as relações estabelecidas entre as representações sociais do sujeito idoso nesse processo e os sentidos social do processo de viver e envelhecer pelo exercício de leitura e escrita ele atribuídos ao viver e ao envelhecer, além de verificar a forma pela qual se concretiza a materialização de seus feitos pelo exercício permanente da expressividade e dialogicidade nesse contexto. Dessa forma, ao se analisarem as representações sociais dessa participação, estar-se-á apreendendo a que este objeto se articula e quais as diferentes entonações que essas articulações podem gerar. Para tanto, o trabalho se configura como uma pesquisa de estudo de caso, assumindo o caráter observacional, com abordagem qualitativa, e tendo como participantes sujeitos frequentadores da Oficina Literária do Centro Regional de Estudos e Atividades para a Terceira Idade (Creati) da UPF. Justifica-se a escolha da abordagem qualitativa porque se pretende analisar fenômenos socioculturais com base nos sentidos construídos pelos sujeitos idosos frequentadores da oficina acerca do processo de viver e envelhecer mediado pelo exercício da leitura literária e da prática da escrita, com amparo na teoria das representações sociais,

**Endereço:** BR 285- Km 171 Campus I - Centro Administrativo

**Bairro:** Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.010-970

**UF:** RS **Município:** PASSO FUNDO

**Telefone:** (54)3316-8370 **Fax:** (54)3316-8798 **E-mail:** cep@upf.br

Continuação do Parecer: 288.473

considerando que o problema investigado focaliza experiências humanas, valores e crenças como parte da realidade social.

**Objetivo da Pesquisa:**

Investigar quais são as representações sociais do sujeito idoso frequentador da oficina literária sobre o processo de viver e envelhecer e conhecer a percepção do sujeito idoso na materialização dos feitos de leitura e escrita mediada pela prática da expressividade e da dialogicidade.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A participação nessa pesquisa não oferece nenhum risco aos participantes, a não ser pelo desconforto do tempo de participação para a realização da entrevista e preenchimento do questionário.

Os benefícios da sua participação na pesquisa serão a possibilidade de contribuir para a produção do conhecimento no campo da Gerontologia, bem como para as instituições que apresentam propostas de práticas sociais de inclusão dos idosos mediadas pela leitura e pela escrita, pois possibilita a identificação de modos compartilhados de pensar e de (agir) atuar dos idosos em relação a esse processo.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, com pessoas idosas, por meio de uma entrevista, nas dependências do CREATI, onde os sujeitos participam de oficina literária.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os direitos fundamentais do (s) participante (s) foi (ram) garantido (s) no projeto e no TCLE. O protocolo foi instruído e apresentado de modo completo e adequado. Os compromissos do (a) pesquisador (a) e das instituições envolvidas estão presentes. O projeto foi considerado claro em seus aspectos científicos, metodológicos e éticos.

**Recomendações:**

Sugere-se a devolução dos dados da pesquisa aos sujeitos.

**Endereço:** BR 285- Km 171 Campus I - Centro Administrativo  
**Bairro:** Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.010-970  
**UF:** RS **Município:** PASSO FUNDO  
**Telefone:** (54)3316-8370 **Fax:** (54)3316-8798 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO  
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE  
PESQUISA E PÓS-



Continuação do Parecer: 288.473

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução 196/96, do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

PASSO FUNDO, 29 de Maio de 2013

---

**Assinador por:**  
**Nadir Antonio Pichler**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** BR 285- Km 171 Campus I - Centro Administrativo  
**Bairro:** Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.010-970  
**UF:** RS **Município:** PASSO FUNDO  
**Telefone:** (54)3316-8370 **Fax:** (54)3316-8798 **E-mail:** cep@upf.br

## APÊNDICES

Apêndice A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Representação social do processo de viver e envelhecer pelo exercício de leitura e escrita: a participação do sujeito em uma oficina literária”, que estamos desenvolvendo com o objetivo de descrever a representação social do sujeito idoso sobre o processo de viver e envelhecer participante de uma prática social através do exercício de leitura e escrita.

A proposição de um estudo dessa natureza, portanto, centra-se na necessidade de elucidar como pessoas idosas ou próximas dessa faixa etária compreendem o processo de viver e envelhecer enquanto participantes de um projeto literário.

Buscamos, dessa forma, identificar que ações são produzidas no sujeito a partir do processo de viver e envelhecer; apresentar quais os efeitos produzidos pela na materialização dos feitos de leitura e escrita mediada pela prática da expressividade e da dialogicidade e investigar quais são as representações sociais do sujeito idoso frequentador da oficina literária sobre o processo de viver e envelhecer.

A sua participação não implicará risco algum, a não ser pelo desconforto do tempo de realização da entrevista, que ocorrerá em um dia previamente agendado, respeitando o limite de no máximo uma hora. O início da entrevista ocorrerá a partir das 09h00min, tendo como local a sala de aula que é frequentada semanalmente para o exercício da Oficina Literária do CREATI/UPF, sendo um lugar acolhedor uma vez que o ambiente já é bastante familiarizado. Os benefícios da sua participação na pesquisa serão a possibilidade de contribuir para a produção do conhecimento no campo da Gerontologia, bem como para as instituições que apresentam propostas de práticas sociais de inclusão dos idosos mediadas pela leitura e pela escrita, pois possibilita a identificação de modos compartilhados de pensar e de (agir) atuar dos idosos em relação a esse processo. Os resultados da pesquisa serão utilizados com a finalidade de desenvolver a pesquisa citada. As informações obtidas serão confidenciais e será mantido sigilo da sua participação.

Os depoimentos serão divulgados de modo que não permitam a sua identificação. Você receberá uma cópia deste termo, onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa e sua participação a qualquer momento<sup>2</sup>.

Se você não quiser participar, não haverá qualquer mudança no tratamento dispensado na Oficina Literária ou na sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Mesmo que você aceite participar, estará livre para desistir a qualquer momento.

---

Pia Elena Borowski  
Rua Rio Branco, 138/402  
Passo Fundo – RS, 99070-070

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

Ass. do entrevistado

---

<sup>2</sup> Para qualquer esclarecimento ou dúvida acerca do desenvolvimento do estudo você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Passo Fundo pelo telefone (54) 3316 3670.

## Apêndice B. Questionário semiestruturado

### Caracterização do sujeito entrevistado

1) Qual o seu nome?

_____
-------

2) Qual a sua idade?

Anos _____
------------

3) Sexo

Feminino	1
Masculino	2

4) Qual é a sua renda mensal?

Anos _____
------------

5) Qual é a sua escolaridade?

Anos _____
------------

6) Vive em companhia de cônjuge ou companheiro(a)?

Sim	1
Não, mas viveu	2
Nunca viveu	3

7) Atualmente, qual é o seu estado civil?

Casado ou morando junto	1
Desquitado(a), separado(a) ou divorciado(a)	2
Viúvo(a) ou solteiro(a)	3

8) O(a) senhor(a) tem filhos?

Sim	1
Não (Ir para a Q. 10 e indicar N.A. na Q. 9)	2

9) Quantos filhos o(a) senhor(a) tem?

Filhos

N.A.

98

10) Que percepções o(a) senhor(a) têm quanto ao seu processo de viver e envelhecer?

11) Como o(a) senhor(a) percebe a Oficina Literária na perspectiva de um espaço mediador para interações sociais?

12) O que é mais representativo para o(a) senhor(a) quanto às atividades de leituras e escritas proporcionadas na Oficina Literária?

13) Como o(a) senhor(a) percebe a divulgação dos textos produzidos pelos participantes da Oficina Literária em espaços como os saraus?

14) Que impacto essa divulgação tem sobre o seu processo de viver e envelhecer?

15) Que perspectivas o(a) senhor(a) têm sobre o seu processo de viver e envelhecer quanto à continuidade de sua participação na Oficina Literária?

16) Para o(a) senhor(a), o que representa o Creati? Gostaria de fazer alguma sugestão, crítica ou elogio?



**ppgEH**

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano  
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF